

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 25 A 31 DE OUTUBRO DE 1976

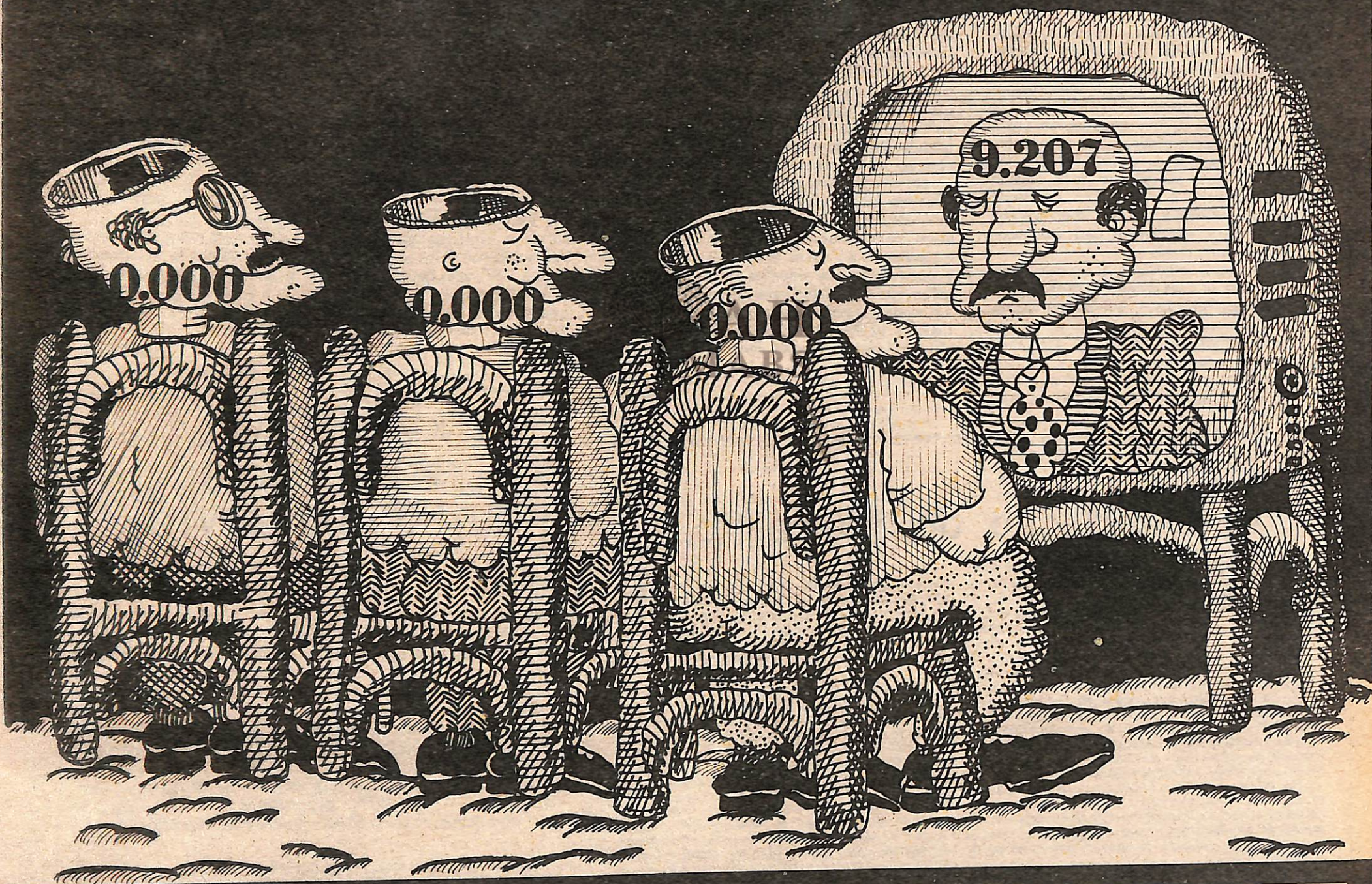
ANO II

N.º 70

Cr\$ 2,00

**NO AR, A PROPAGANDA
GRATUITA. EM VEZ
DE FATOS, RETRATOS.**

PAG. 8 E 9



UM DESRESPEITO AOS IMIGRANTES.

PAG. 16

O BARTIMEU DE VOLTA, COM FAUSTÃO. PAG. 5

Quem é subversivo?

O que vem acontecendo em Jundiaí, em matéria de imoralidade administrativa, de escândalos e de desmandos, não tem tamanho. Este pequeno Jornal de 2a. surgiu há pouco mais de um ano exatamente para denunciar e combater todos esses absurdos. E vem cumprindo sua missão com coragem e desassombro, apesar da truculência dos denunciadores e dos arreganhos ameaçadores dos mandantes poderosos, incomodados com a revelação pública dos seus abusos e das suas marotagens.

Nossas denúncias e nossas acusações têm sido sempre claras, objetivas, fundamentadas, irretorquíveis. Isso irrita sobretudo os acusados. Não tendo como contestar, eles apelam para a ignorância: tentam rotular este Jornal de agitador e subversivo.

É o que vem acontecendo, por exemplo, em programas da Rádio Santos Dumont, onde os áulicos do nosso alcaide, em meio às costumeiras loas ao governo municipal, dirigem suas baterias contra o Jornal de 2a., buscando confundir o povo sobre os nossos propósitos e a nossa linha de conduta.

Nossa posição, neste episódio infeliz da história de Jundiaí, é bem clara e conhecida. Qualquer pessoa, com um pingão de entendimento, percebe bem a filosofia que nos anima e os ideais que orientam nossa luta. Só mesmo os que não querem enxergar, os que estão a serviço dessa administração imoral, os que de alguma forma estão tirando qualquer proveito de toda essa situação escabrosa, é que tentam confundir as coisas e torcer a verdade inofensível. Mas não custa repetir mais uma vez, aqui, a nossa profissão de fé.

Nós somos contra a subversão. Nós achamos que se deve combater todo e qualquer processo subversivo, que ponha em risco a paz e a segurança da sociedade em que vivemos. Somos da opinião que este combate deve ser tanto mais intenso e sem tréguas quanto mais profunda for a ordem subvertida e quanto mais fundamentais

forem os valores atingidos.

Consideramos que os valores básicos, sobre os quais repousam qualquer ordem social mais digna e qualquer regime mais duradouro, são os valores cívicos e morais. Nós defendemos, a todo custo, a moralidade administrativa e o respeito mútuo ao bem comum. Nós exigimos que a coisa pública seja tratada dentro da mais absoluta seriedade e correção.

Nós tachamos de subversivo todos que, de qualquer forma, direta ou indiretamente, corrompem ou ajudam a corromper tais valores básicos que fazem a essência das nossas instituições. É subversão e da pior espécie, o uso desonesto do cargo público, a prática indigna do poder, o desrespeito aos direitos e ao patrimônio da coletividade. E contra tal subversão continuaremos lutando, com todas as nossas forças.

Em nossa campanha, temos sido muitas vezes chamados de radicais e de intransigentes. Mas há razão para isso. Quando a imoralidade administrativa se generaliza, quando ela é colocada como regime e como norma, quando é protegida e exaltada, isso nos aterroriza. Até onde irão as raízes do câncer subversivo e insidioso? Quanto do organismo social já estará tomado pela doença nefasta e ameaçadora? Numa tal situação, não podem haver contemplações, não há condição para meias palavras ou meias medidas. Há que se ser maniqueísta, no combate ao mal. Temos que identificar e condenar o desonesto, o corrupto, o safado, onde ele esteja, qualquer que seja a posição que ocupe ou o poder que detenha. Só assim poderemos estar em paz com nossa consciência. Só assim estaremos cumprindo o dever cívico de zelar pelo nosso regime e pela nossa sociedade, garantindo-lhes a saúde e o vigor necessários para poder vencer, sem maiores problemas, qualquer outra subversão que eventualmente venha nos ameaçar.

FAO

A dilapidação do município

Quando surgiram os primeiros desmandos da atual administração Municipal, em pleno ano de 1973, vozes esparsas começaram a apontar a inconveniência das medidas que estavam sendo postas em prática.

O orçamento do ano de 1974, enviado à Câmara em outubro de 1973, clarificou de vez as intenções do Prefeito, ou seja, mesmo sem recursos propunha-se a realizar uma obra viária da ordem de 180 milhões de cruzeiros, importância essa que dependia de altos empréstimos a serem obtidos.

Sem contestar a necessidade das obras mas invocando as prioridades a curto, médio e longo prazos, as críticas começaram a ganhar consistência.

A própria Comissão Executiva da Arena local foi uma das primeiras a entrar na discussão, do que decorreu o valioso documento elaborado pela comissão de técnicos que, a convite, analisou e concluiu pela inconveniência da concorrência pública do sistema viário.

Mais ou menos na mesma época, meados de 1974, os convencionais da Arena reuniram-se para eleger o Diretório Executivo local. Informados do que se passava em Jundiaí, portanto motivados para exercer uma participação ativa, os convencionais compareceram maciçamente. Prof. Pedro Fávoro em primeiro, Dr. Rubens de Lucca em segundo e Ibis Pereira Mauro da Cruz em terceiro, foi o resultado da votação, e a considerável diferença entre o primeiro e o último tornaram bem clara a posição arenista local contra os demandas do Prefeito.

A despeito das firmes e claras atitudes assumidas pela Arena de Jundiaí, a administração Municipal prosseguiu a seu jeito qual bola de neve.

Sem nunca ter sido, até então, nem muito atuante e nem muito brilhante, o partido da oposição sentiu que o momento era propício. Os poucos emedebistas, num esforço maior, intensificaram suas críticas. Somaram-se a eles muitas

vozes, algumas esparsas e outras da própria Arena, estas por consequência da omissão dos arenistas.

Habilmente, o sr. Prefeito valorizou a posição do MDB, atribuindo-lhe todas as críticas que recebia, inclusive as corajosas posições iniciais adotadas pela comissão executiva da Arena em 1974.

A omissão do atual diretório, presidido pelo Dr. Rubens de Lucca, no caso do altíssimo empréstimo autorizado pelo Senado Federal, deixou o Prefeito na confortável posição de ter que obter a autorização para combater a oposição, nesta altura publicamente mais agressiva.

Os sucessivos empréstimos obtidos com a justificativa de fazer crescer uma Arena, que em Jundiaí sempre foi maior, foram empregados em obras de prioridade discutível. Além de agravar as finanças do município, comprometeram os recursos para as verdadeiras obras de infraestrutura. A preços caríssimos estamos recebendo avenidas vazias, enquanto nossos rios continuam poluídos e nossos bairros populosos continuam enlameados.

A dilapidação dos recursos do município não cessou com a grande dívida, mas prossegue na liquidação das reservas territoriais do município, reduzindo ainda mais as poucas possibilidades de alguma realização do próximo prefeito.

Ceder a uma indústria o terreno reservado ao centro esportivo da Vila Hortolândia, a área destinada à praça da Vila Liberdade, etc, é uma atitude política oposta àquela que serviu ao prefeito para justificar os grandes empréstimos. Se estes foram autorizados pela Arena da esfera federal como uma necessidade política, como é que naquela esfera será entendida esta permuta, tão claramente imprópria aos interesses públicos? Ou será que o Prefeito já acredita em sua derrota.

AFP

O NULO FESTIVO

Segunda-feira (dia 18/10) o Diretório Central dos Estudantes da USP divulgou nota oficial aos jornais, com um relatório do I Encontro Nacional de Estudantes, realizado na capital paulista no sábado. O relatório diz que foram apresentados 3 propostas de posição frente às próximas eleições: voto nulo, voto de protesto no MDB e voto no programa de candidatos do MDB. Saiu vitoriosa a chapa do voto nulo.

Entre outros pontos, os universitários fundamentaram sua posição considerando: 1) "a não existência de liberdade de manifestação e organização dos setores explorados e oprimidos da população (trabalhadores, estudantes, etc)"; 2) "que o único caminho para superar as contradições da sociedade brasileira é a organização independente dos setores oprimidos da população"; 3) "que tanto MDB quanto Arena, partidos criados pelo AI-2 desenvolvem uma política de sustentação do regime militar, mostrando-se inviáveis na defesa dos interesses dos setores explorados".

Embora a posição seja coerente com as assumidas anteriormente pelos estudantes da USP, não deixa de ser contraditória e incoerente com as suas próprias aspirações manifestadas no documento.

Votar nulo, nos parece, de início, uma posição bastante cômoda porque passiva. Se a pretensão é uma contestação do sistema, essa realmente não é a melhor forma. Sua fragilidade se mostra claramente pelos resultados obtidos no passado, quando essa alternativa já foi tentada. A posição só poderia ser considerada realista, caso o sistema não proporcionasse aberturas através dos partidos existentes: Arena e MDB.

Mas, uma vez definida a posição dos estudantes como de oposição, parecemos que a melhor opção política seria o voto no MDB e não o voto nulo. Isto porque, embora o MDB não seja a oposição ideal pretendida pelos estudantes, é inegável que alguns pontos pelos quais o MDB luta (fim do regime de excessão e do decreto-lei 477, para citar alguns) aumentaria sua capacidade de participação ativa, possibilitando o surgimento de uma oposição que não seja de sustentação do sistema.

E, além do mais, o que se conseguiria com o voto nulo?

No mínimo, os estudantes estariam se recusando a votar com o povo.

Equipe J2a.

UNGARO REVELA: PODE HAVER OUTRO ADIAMENTO.

Na penúltima sessão da Câmara Municipal, os vereadores aprovaram o adiamento da discussão do projeto 3093 por 2 sessões, solicitando à Presidência a contratação de peritos que fizessem uma avaliação com "neutralidade" da área da Pozzani e dos terrenos oferecidos a permuta pela Prefeitura.

Uma semana após o adia-

mento, a presidência da Câmara declarou que "está estudando os orçamentos e alguns contratos, mas que ainda não há nada certo". Carlos Ungaro disse ainda que "não há obrigatoriedade de se firmar nenhum contrato até a próxima sessão, sendo dessa forma adiado novamente ou votado, segundo critério dos vereadores".

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1044 - Fone 434-2759
Redator Chefe: Carlos Veiga
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue
Impressão: Departamento de Off-Set do "Diário do Povo" - Campinas



Canto Chorado

Que que é isso, minha gente! Que estará acontecendo com a nossa terra? Será que ela tem dono? E o dono, quem será?

E o dinheiro do imposto, p'ra onde é que vai indo?

Churrasco bem regado enchendo a tripa de todo mundo lá na Festa da Uva. Cinquenta mil mangos p'ro clubinho da Cica. Propinas gordas aos esportistas. Promessas fagueiras a fim de que construídas sejam sédes suntuosas de associações fachadistas. Isso tudo sem contar c'oa comedeira pelos restaurantes que emborcam em média 60 mil por trintena. O resto é p'ros chupetas e a propaganda agora fartamente suplementada.

Papagaio! P'onde é que vai o dinheiro do imposto?

E o Colégio Técnico perdido lá na estrada. Que judiação...

Celeiro de mão-de-obra especializada, aquela escola sim, orgulha Jundiá. Pelo que vale intrinsecamente. Pela qualidade de seu corpo docente. Pela capacidade intelectual de seus mil e não sei quantos estudantes, suprimindo, intermitentemente, o mercado nacional de trabalho. Aquela escola sim, orgulha Jundiá.

Sabem quanto recebeu da Prefeitura neste exercício? Cinquenta mil!!!

Nem mais nem menos do que foi dado ao clubinho da Cica.

Que barbaridade...

Professores, orientadores e outros, todos com aviso prévio para que deixem o Colégio por falta de verba, enquanto que o foguetório das inaugurações galopantes irradia a mentira pelos quatro cantos da periferia.

Cinquenta mil para o Colégio Técnico... Cinquenta mil para o clubinho da Cica... Que sacrilégio...

Não há verba p'ra o Colégio continuar Atividades que aos demais exemplifica Pouco importa ser tachado de exemplar Se me não rende os votinhos lá da Cica.

Hei de trazê-los todos bem regados

Churrascos, "caipirinha" e outros pitéus, P'ra que possa o Reis ao trono ser levado E eu "na minha" engazopando os tabaréus.

Simão

As dívidas e o Orçamento

Muito se fala sobre dívidas municipais que, na apreciação de alguns estavam sendo contraias de modo violento e no entendimento dos responsáveis, ao contrário, com afirmações de que ainda era pouco.

Para se ter uma idéia do que aconteceu e vai acontecer é preciso dar uma olhada no projeto de lei orçamentaria para 1977.

Está prevista uma receita municipal no total de Cr\$ 392.078.000,00 assim distribuída: Rendas municipais, incluindo participação na receita estadual e federal..... 248.078.000,00

Venda de imóveis e títulos..... 9.000.000,00

Empréstimos 135.000.000,00

Nas despesas de custeio, isto é, com pessoal, material, serviços de terceiros e encargos diversos, mais juros no valor de Cr\$..... 42.500.000,00 a Prefeitura irá gastar a quantia de Cr\$ 188.661.200,00. Isto quer dizer: despesas obrigatórias.

Nos encargos diversos a Prefeitura prevê gastar com obras a quantia de Cr\$..... 156.387.800,00:

Com equipamentos, material permanente e contribuições diversas serão gastos Cr\$... 3.209.000,00. Para amortização de dívidas está reservada a verba de Cr\$ 43.820.000,00.

Muito bem. As obras continuarão a ser custeadas com o produto de empréstimos. O prezado leitor que nunca teve a idéia de ser Prefeito da cidade, pense e responda conscientemente, haverá em nossa cidade, um cidadão sequer que não seria capaz de realizar

obras só com empréstimos? Se há, trate-mos de colocar mata-burros nas saídas da cidade.

Continuemos. Temos no orçamento, destinadas a juros e amortizações de empréstimos verbas no total de Cr\$ 86.320.000,00. Mais que toda a arrecadação tributária que é de Cr\$ 68.850.000,00.

Tem mais: além das dívidas há previsão para alienar bens patrimoniais. Pretendem vender imóveis no valor de Cr\$ 4.000.000,00 e títulos estimados em Cr\$ 5.000.000,00.

Vejamos uma situação curiosa no orçamento:

Total da receita..... Cr\$ 392.078.000,00
(-) venda de bens..... 9.000.000,00
(-) produto de empréstimos... 135.000.000,00
248.078.000,00

(-) despesas de juros e amortização..... 86.320.000,00

(-) despesas de custeio 149.370.200,00
saldo 30.387.200,00

Esse saldo que somente será real se todos os proprietários pagarem as taxas de nova pavimentação e capeamento, ficará o futuro prefeito dispor durante todo um ano, se não desejar recorrer aos empréstimos. Isto considerando a receita já com novos aumentos de impostos e taxas que acabam de ser autorizadas pelo Prefeito a partir de janeiro próximo, como presente de Natal.

Virgílio Torricelli

MAIS IMPOSTO NO ANO QUE VEM

Se os leitores entenderam bem, o decreto n.º 4.126, que vem de ser baixado pelo prefeito Ibis Cruz, terão compreendido que no exercício do ano que vem vão pagar impostos mais caros no que respeita o predial e o territorial urbanos.

Os avisos respectivos certamente não vão ser expedidos antes do pleito de novembro, a fim de que não espantem o eleitor.

Por menos familiarizados com as formulas que dão corpo ao decreto, mesmo que o tenham lido os contribuintes na sua grande maioria não se inteiraram do seu alcance no que implica a nova sangria que os proprietários e os inquilinos por extensão vão sofrer no ano de 77.

Entretanto, nas suas múltiplas variações, o novo índice de valores está oscilando entre 40 e até 70 e mais por cento sobre a estimativa atual, reajustada monstruosamente em 74.

NEGÓCIO DA CHINA

É o que se pode chamar o proposto pelo prefeito à Indústria F. Pozzani S/A, situada à margem direita do Rio Jundiá, no bairro da Ponte de S. João. E, como não poderia deixar de ser, ocioso é dizer que a indústria aceitou.

O eco dessa transação superleonina, onde o município, de evidência, não é o leão, repercutiu como uma bomba, nos setores técnicos, econômicos e políticos da cidade. O fragor desse estrépito foi sacudir as Associações dos Engenheiros e Arquitetos de Jundiá. Daí, adelgacaram-se os horizontes da gritante "entente" e toda a população dela acabou tomando conhecimento através de uma edição extra divulgada por este jornal.

A Câmara tremeu. Tremeu ante a presença física no seu recinto de integrantes de todos os escalões da sociedade jundiáense. Dir-se-ia que o povo acordara do letargo em que vivia sacudido pelos absurdos enfeixados no projeto da abominável permuta onde se pretendeu barganhar 3.800 metros quadrados da indústria por 110.000 da municipalidade. Absurdos apontados à luz do dia, como por exemplo:

1 - Terrenos do município estimados a preços muito mais baixos que o seu valor venal;

2 - Metro quadrado de construção obsoleta de barracão a Cr\$ 4.500,00, quando edifícios de luxo vêm sendo construídos na cidade a Cr\$.... 3.000,00 e até Cr\$ 2.500,00;

3 - Galerias para escoamento de águas pluviais a Cr\$ 50.000,00 o metro linear;

4 - Estimativa de lucros cessantes a base de Cr\$ 5.000,00 sem qualquer prova cabal que autorize esse entendimento.

COMISSÃO PARALELA

Visivelmente intranquila sob o impacto da manifestação popular, a Câmara não se aventurou a discutir o projeto, maxime porque, para o fazer, teria que menosprezar o teor de uma carta encaminhada pela AEJ onde era denunciada incompetência legal para que os imóveis sujeitos à permuta pudessem ser avaliados por leigos como o foram na realidade.

Dormita, assim, o projeto no legislativo, até que, especialmente contratados, peritos da Bolsa de Valores de S. Paulo venham oferecer um laudo de avaliação mais credor da aceitação da vereança.

Há que se estender como 'boa e criteriosa a atitude da Câmara. Não obstante, em que pesem a qualificação e a idoneidade dos peritos a serem contratados em S. Paulo, seria por assás salutar, que, paralelamente, uma comissão de engenheiros locais também, como assessores participassem das avaliações.

Assim pensamos e dizemos, porque, quando do exame da famigerada Concorrência 66/73, que deu ganho de causa à Andrade Gutierrez, contra outras duas construtoras que ofereceram melhores condições, foi engendrada a implicação de uma comissão de três engenheiros de fora, que, caólhos, julgando a seu talante, trouxe ao município, consoante cálculos dados e cálculos que podem ser examinados a qualquer hora e por quem se interessar, um prejuízo de mais de Cr\$ 50.000.000,00.

Se acompanhados por técnicos conterrâneos, os peritos paulistanos estariam muito melhor assessorados no desempenho de sua intrincada missão.

Elcio Vargas

SUPERMERCADO *ELIAS*

ONDE VOCÊ FAZ MAIS ECONOMIA



R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

Disque 434-2759



Nicodemus Pessoa

Os mudos

Recebo carta de Paraíba, uma carta do ano eleitoral. Mandam-me dizer (ah, malvadeza) que na minha cidade, interior onde se produz mexerico de dar inveja a personagem da novela Estúpido Cupido, a campanha está nas ruas. "Muita zoeira, você precisava ver", diz-me o sádico informante. "Tem comício e passeata toda a noite".

Imagino. Rostos da minha adolescência sobem agora aos palanques e, certamente sisudos (para ganhar respeito, claro), pedem votos. Discursos terríveis, meu Deus! Muita ira contra o pobre prefeito que chega aos últimos meses do mandato sem ter podido quase nada do que prometeu. Retórica e festa: a banda de música de uniforme engomado, os vivos, bandeiras e beijos. Sim, beijos, atirados para o palanque na direção do candidato favorito.

Ah, pelo menos dessa ingênua alegria a Lei Falcão não privou o resto do Brasil que se prepara para votar.

pelos jornais. Ou no táxi: o rádio do táxi me oferece, entre solavancos, retalhos sonoros de um jingle eleitoral. Na televisão, um lastimável desfile de retratos 3 x 4. Um rosto pequeno (da Arena e do MDB?) vem se aproximando, trazido por uma lente zoon, e cresce, cresce no vídeo. Destacam-se grossos bigodes, pedindo o meu voto. Um locutor, ao fundo, comunica-me que o distinto bigodado merece ser vereador, sim, afinal, é um advogado de sucesso, moço, mal passou dos 30 anos.

Sai o bigode, entra um rosto inexpressivo. Sai o inexpressivo, entra uma cabeleira grisalha, que logo é substituída por um sorriso de mulher. O que pretende essa Lei Falcão? Deixar o eleitor doido? Como vou saber — como todos vamos saber — se será mais eficiente, na tribuna da Câmara Municipal, o charme do bigode à Zapata, aqueles cabelos grisalhos ou a moça que pretende comprar meu voto com um sorriso?

Respondo à carta. Ora, não me matem de inveja. Eu, infeliz morador da cidade grande, recebo a campanha

O ideal, para não confundir o eleitor, seria não votar em retrato e, sim, em gente. De preferência, que falasse.

ETC. e TAL

Deu no *Jornal do Brasil*:

"Passando por Paris, em visita particular, o ministro Azevedo da Silveira foi à Espanha, numa viagem de conexão na sua volta ao Brasil. No mesmo avião, viajava para Madrid onde fora consultar um oculista, o sr. João Goulart. O chanceler cumprimentou discretamente o ex-presidente, a quem durante a viagem, se dirigiu cortesmente à sua esposa, dona May.

Em Madrid, aguardava o ministro no aeroporto o embaixador Armando Frazão, o qual, nomeado presidente do IBC pelo ex-presidente Jânio Quadros, continuou no posto sob o governo do sr. Goulart".

Em Fortaleza (CE), o cidadão João Mesquita, candidato a vereador pela Arena, oferece muitos brindes eleitorais: dentaduras, desquites, casamento civil, análises clínicas, atestado de pobreza, etc. Serviço completo, o do João.

Faltam 21 dias para as eleições.

Refeito do enfarte, voltará à Câmara e à liderança do governo, na próxima semana, o deputado federal José Bonifácio.

Enfim, teremos mulheres na Academia Brasileira de Letras. Viva! Mas a notícia, que abriu um largo sorriso no escritor Oswald. Orico, Deu na Veja.

autor da emenda que acabou com a discriminação, não agradou muito a dona Zulmira, a coqueira dos imortais: "Agora, disse ela, "espero que eles arranjem mais alguém para me ajudar. Conheço muito bem as mulheres. São chatas demais para serem atendidas por uma única pessoa". Gente desunida.

Do deputado federal Ulysses Guimarães, presidente nacional do MDB:

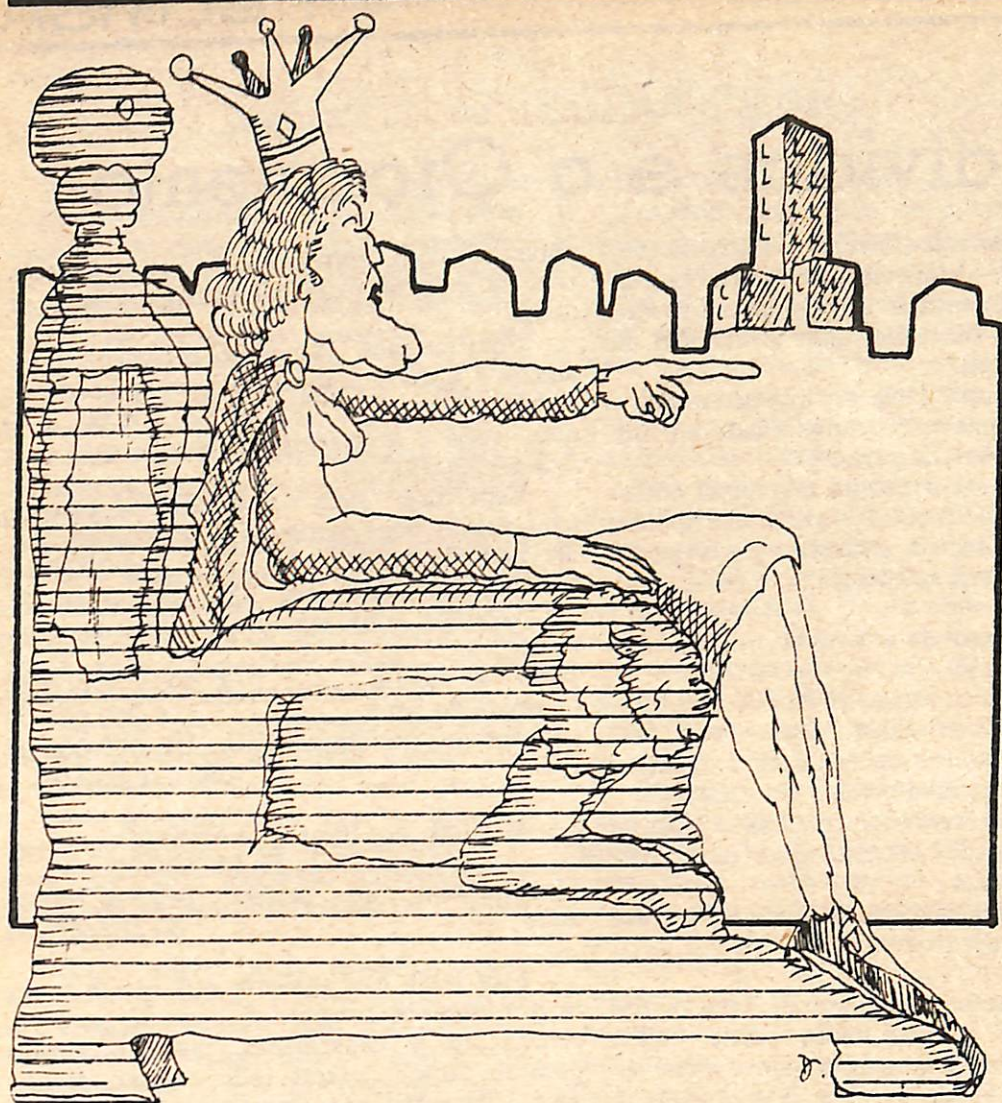
— Entendo, fundamentalmente, em todo o meu pensamento político, que o povo brasileiro não é idiota, e que deve participar e influir pelo voto. E estou certo de que essa participação é a única maneira de fazer um país crescer. Não há exemplos na História de uma nação que tenha crescido sem a participação de seu povo.

Os play-boys sempre estiveram na moda, aqui e alhures, com seu dinheiro e suas extravagâncias. Mas não era, pelo que me lembro, de revelar suas idéias políticas. Nem de tê-los. Pois o nosso Toninho Abdalla, rival número um do Chiquinho Scarpa, as tem. Por exemplo: "Se eu fosse governo — já que não estamos mesmo em regime democrático — mandava fechar a Câmara e o Senado (...) Mandava também fechar o "Estado de São Paulo" Deu na Veja.

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque: 434-2759



O reino fabuloso

Era uma vez uma rainha muito boa (1).

Ao assumir o trono, sua filha começou a por em prática toda espécie de injustiça contra o povo (2).

Aumentou os impostos, achatou os salários, decretou extintos todos os organismos de defesa da classe dos obreiros, instituiu a pena de morte, acabou com o direito de defesa das pessoas acusadas de qualquer crime — especialmente quem se atrevesse a falar mal dela — desapropriou as terras dos pequenos sitiantes, tomou posse das casas do pequeno comércio, taxou tão pesadamente as pequenas indústrias que elas foram obrigadas a fechar ou entregar suas instalações para o reino (3), censurou os jornais, decretou que tudo quanto estivesse sob o solo pertenceria à nação (4), instituiu uma pesadíssima taxa sobre os pescados (5), mandou dar buscas em todas as casas para dali retirar toda espécie de literatura que não fosse a oficial, mandou queimar tudo numa enorme fogueira em praça pública sob os olhos espantados dos estudantes (6), reforçou todos os esquemas de segurança (7), nomeou seu marido vice-rei (8) e viajou para o exterior.

Durante o tempo em que esteve fora poucas foram as notícias publicadas a respeito da viagem (9).

Até que um dia regressou, sendo recebida por milhares de pessoas (10).

Uma semana depois o reino acordou em sobressalto, tamanho foi o alarido que fizeram uns homens estrangeiros ao desembarcarem seus trens (11): tratores gigantes, máquinas enormes, sondas compridíssimas, milhares e milhares de teodolitos (12), e em cada um desses apetrechos inscrita a palavra "know-how".

Poucos anos depois, aquele reino-de-nada via seu nome apro-

vado para ocupar uma cadeira (13) na assembléia da UNO (14), tendo por Delegado um daqueles caras que haviam chegado fazendo alarido (15).

Moral (duvidosa): Todos os povos merecem o governo que têm?

(1) "Era uma vez" é usado, aqui, no sentido de "tchau mesmo".

(2) É sempre assim: rainha má, filha boa; rainha boa...

(3) Exceto a fábrica de pimenta, que já era dele.

(4) Exceto as saúvas e as minhocas.

(5) Tá vendo porque as minhocas não?

(6) Aos estudantes ficou assegurado o direito de espanto.

(7) Ou seria mais correto "insegurança?"

(8) Era um cara estúpido, mas com sorte, argh!

(9) Não que não houvesse notícias. É que todas elas vinham acompanhadas de daguerreótipos onde a rainha sempre era encoberta por cartazes que populares carregavam, nem dava pra ver a coitada.

(10) Os tais esquemas, acima referidos.

(11) Embora usada genericamente, a expressão faz menção especial a um grupo de húngaros, que também desembarcou.

(12) Alô, Zarteu: isso dá "Pufs!"

(13) Na décima fila, mas com chance de emergir na oitava.

(14) Uma espécie de Internacional Tango, onde o pessoal das últimas filas tem direito de contar seus dramas passionais.

(15) Infelizmente, não havia ninguém indígena que estivesse preparado para representar o reino, pobres subdesenvolvidos.

Erazê Martinho



Ida sem volta

Ainda a estória do êxodo rural. Estória sem fim, mas importante como quê! Nem bem que um se ia s'imbora e já outro tava de trouxas em arrumação, que o fascínio pela cidade grande era por demais de grande, imensidão fervendo dia e noite, nem se sabe como cabia nas cabeças tão pequenas. Deve existir o verbo exodar por que era o qu' eles faziam: Exodavam. Um a um, família por família, iam indo, já com saudades, dolorosa ida sem volta. Não eram retirantes, não fugiam de secas e nem desgraças, deixavam o campo em busca do luminoso desconhecimento do ser, vestir e falar como o homem da cidade. Mariposas na luz. Por que a cidade grande? Ora porque! Ali na roça ou na cidade minúscula do interior os dias eram sempre iguais, o faturão do ontem vazio, do hoje que ia até a cerca no córrego, do amanhã de peiar as vacas, tirar o leite, lavar latão, tudo igual, lambança que não tinha fim, até desacorçoava. O jeito era ficar imóvel ali no terreiro, quentando sol, ponhando reparo nas galinhas ciscando, o que será que tanto bicavam no chão varrido, a gente nada via, os porcos ronca-que-te-ronca, a rodelona do focinho, era vê, mal comparando uma roda de carro-de-boi os dois furos, comendo sempre, o que seria que a rodela apalpava tanto?

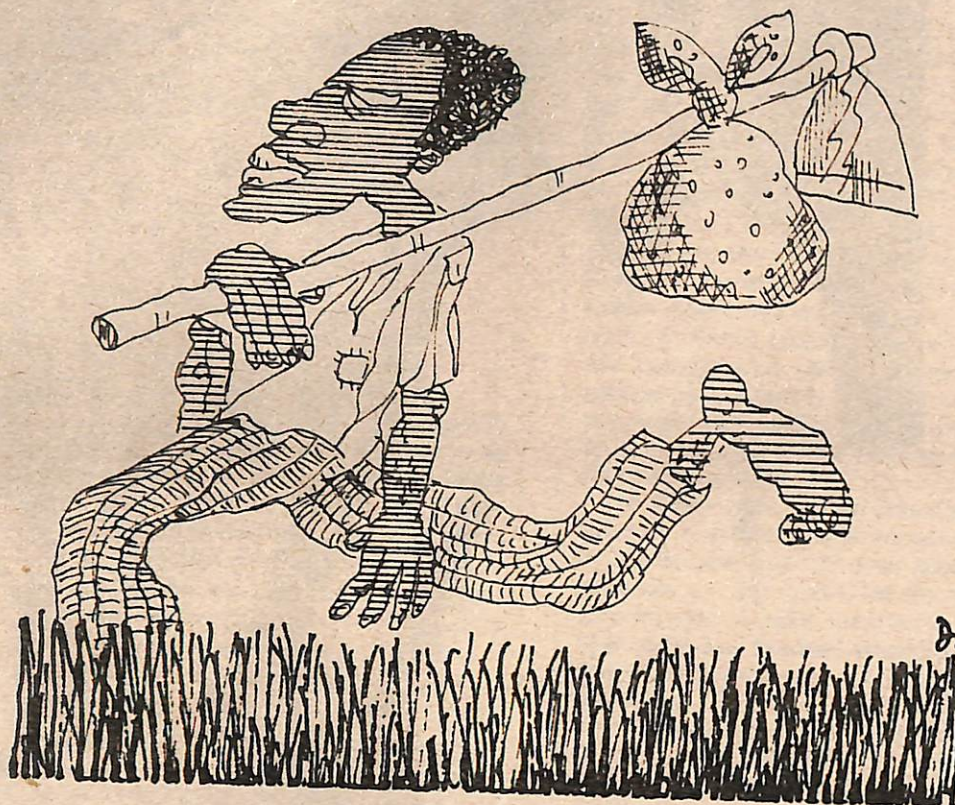
Ficavam assim cismarentos, olhar parado, o que dera no homem da roça? Lombriga? Amarelão? Preguiça? Qual o quê! Era a idéia de que fizesse lá o quê, era tudo igual, dias sem fim, hoje, ontem, trazantonte.

Na vila era peor. Não tinham o que fazer, havia pouco trabalho, e o que se fizesse não rendia além de tostões. Na roça eram tarefas e tarefas de carpir milho e plantar feijão. Na vila, peor, era o nada. Pois vissem o Faustão, pedreiro de primeira, braços e pernas fortes como cerne de baraúna, as mãos, minha nossa, as mãos do Faustão?

Numa trucada, no "tome seis", não quebrara a mesa do bar do Vicente? pois é, vissem o Faustão voltando de tardezinha, fio-de-prumo, colher e nível, ganhara o quê? Dez tostões de mel coado? Trabalhadora que não lhe cansava nunca, por quê?

- Tô conomizando mode i prá Sã Polo... mais a desgranha do dinheiro num sobra nunca...

Um dia foi falar c'o padre Damião o tal que sabia tudo na vila. E fora dela também. Pecados? Conhecia todos e de todo mundo. No confessorário Faustão lhe contava tudo. O qu'ele pensava, as coisas feias tão gostosas de fazer, suas mãozõas bu-



liçosas, tava até ouvindo Raquel sua mulher...

- Tire essas mão de mim home, não tem o que chegue?

Entrou na sacristia, chapéu na mão. O padre Damião, a estola poída, o rosto pachorrento do homem rico por dentro. Cumprimentos, o beija-mão.

- Não tenho visto você na comunhão...

- Oi, seu padre, meus pecados de as coisa feia nem dá jeito de comungá mai...

- Dá sim Faustão. Tome tento, crie jeito rapais...

- Mecê diz prueque mecê num dorme cum muié, se sesse, hamera de arresistí?

- Me respeite...

- Desculpe.

Pois que era assim. Fazê as coisa, só treis dias por mês. Duvidasse, era barriga na certa...

- Mai fio? Sartemo... lá vai ele!

Voltando aos penates do Faustão, na impossibilidade de guardar todo o dinheiro necessário, conversou com o bom Damião.

- Seu padre, s'eu num fô prá Sã Paulo maluqueço. Tenho que i...

- E o que falta pr'ocê i?

- Dinheiro. Conseio. Conseie eu. M'insine. Diga vá, faça ansim e ansim e eu vô. E faço. Vai dá no ré. Agaran-to. Vô num pé e vorto noutro, desta veis num me robam, vô de argibera custurada...

- Quanto você quer?

- Deis mi réis...

- Desta veis (já houvera outra vez, a expedição não vingara) tome cuidado. Vou le dar uma carta pr'um amigo meu, frei Julião, em Vila Mariana, igreja da Saúde, Nossa Senhora da Saúde. Procur'ele. Faça o qu'ele mandar.

- E como é qu'eu vô chega lá?

- Eu t'insino. Perguntando. Passe amanhã prá pegá a carta e o dinheiro. Na hora do Angelus.

Faustão foi pra casa. Passou no bar do Vicente, malhou uma trucada e perdeu. Sabia que teria de enfrentar a Raquel, qu'ela não era sopa, qu'ia dar o que fazer. Arquitetou seu plano. Chegaria em casa e

- Oi Raqué, vô pra Sã Paulo, e pá, pá, pá, que isto, que aquilo, e tal e coisa.

Qual o que, deu tudo errado. Ela falou e falou, chorou e chorou, qu'ele a abandonaria, que ia deixar até o menino, e tome o chá de língua. O que salvou foi mesmo a camona de casal, abração mais gostoso, soluços e coisa e tal. Ainda puxando o folego, canseira tão gostosa assim não existia, que canseira é sempre ruim, só aquela que era boa. E a cama. Ficou pensando, enquanto Raquel ressonava:

- A gente nasce deitado, as coisas mais supimpa que a gente fais é deitado, a gente morre deitado, credo im cruiz. Num é tudo que morre deitado. O Zé Corvo tomô treis tiro e vinha na carrera pra pegá o Salustino, carrera tão grande que acho qu'ele andô umas treis braça correndo, já tava morto de véio quano caiu... morreu im pé e correno...

No dia seguinte, arrumadas a trouxa e a matula, Raquel choramingou: - Faustão, diacho de home, ôce num vai s'isquecê d'eu e o minino? Jura?

- Nem carece jurá. Vô lá, rumo as coisas e o lugá prá ponhá os treim e temo de vorta. Vô num pé e vorto noutro...

Mais choradeira. Mais bulha.

- As muié atoa, pensa que num sei?

- Raqué deix'isso...

As despedidas. Boa viagem, até a vorta...

A jardineira do Guerra. Barueri. O trem. Gostosura mais grande hamera d'existi, podia andar de trem o resto da vida, só de ruim o dianho das fagulhas que queimavam a roupa.

- Tô sintino chero de pano queimado! (gritou alguém), quem tará de fogo na ropa?

Ora, Faustão. Queimou até a ce-roula e a perna.

São Paulo. Estação da Sorocabana. Saiu decidido. E desconfiado. Alguém se atrevesse a enganá-lo, ia encontrar a força de suas mãos.

- Aperto o braço do tal inté saí tutano pro zóio. E foi se lembrando das instruções. Bonde pro largo da Sé. Duzentos réis. Ponto final.

- E'aqui o largo da Sé?

- Pode desceire. Ponto final!

- Adonde é o bonde Vila Mariana?

O condutor, roupa azul-marinho e gravata, boné arrumado meio de lado, bigodudo, respondeu indicando com o braço:

- Estapoire! Bá suvindo, é aquel'ali!

Faustão entendeu o gesto.

Deixemos nosso amigo Faustão por um momento. Veio-me à lembrança o Largo da Sé daquele tempo. Um largo imenso para a época, com a catedral em início de construção. Vizinho ao largo, atrás da Sé, o largo dos Remédios e a igreja de Nossa Senhora dos Remédios, revestida de azulejos portugueses. Tinha sido construída por Sebastião Lins do Rego, foragido da justiça de Lisboa.

Quando foi preso e remetido para o reino, prometeu construir a igreja se conseguisse livrar-se. Livrou-se e construiu a igreja em louvor de Nossa Senhora dos Remédios. No dia de inauguração, uma nova ordem de prisão chegava ao largo. Tarde demais. Sebastião, moribundo, estava morrendo de nós nas tripas. Nossa Senhora livrou-o da justiça dos homens.

Qual o crime de Sebastião? Parece que malbaratou dinheiros públicos. Que nossa Senhora dos Remédios nos proteja, amém. O Faustão fica p'ra outra vez.



LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA • MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque:

434-2759

VESTIBULAR

Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá
rua marçílio dias, 299
fone, 434-1763

ECONOMIA - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1.º 2.º graus e magistério

INSCRIÇÕES: ABERTAS
EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO/77



GENTE FINA Mink

...os Waked



Regina/mink

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR
E ARMÁRIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1489

ANTENAS E TORRES

Instalamos antenas e Amplimatic para:

- TV branco e preto
- TV em cores.

Vendemos e colocamos, torres. Trocamos arames canos e fios.

Av. Álvares de Azevedo, 403 - Fone: 436-2832
Irineu Romanato F.º - técnico.

ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a Rua Senador Fonseca, 1044 - Jundiá

Nome:

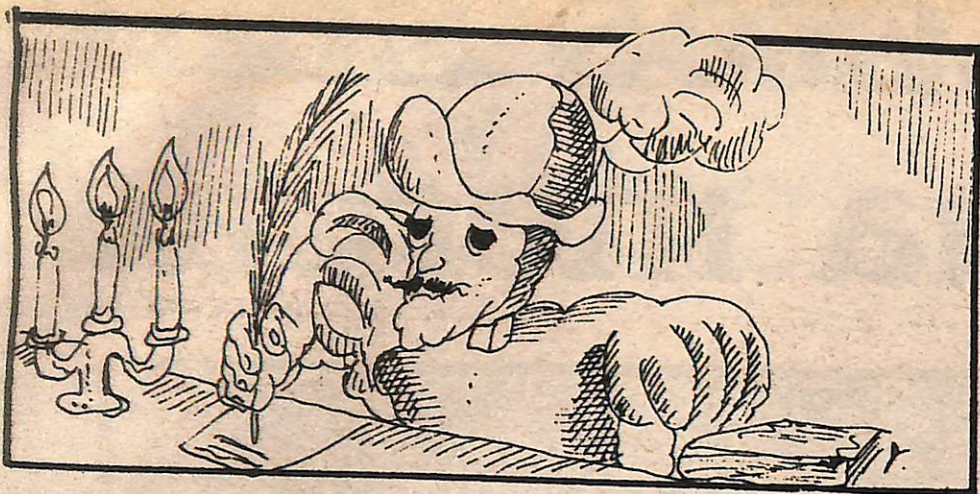
Endereço:

Cidade: Estado:

☐ Anual.....Cr\$ 120,00

☐ Semestral.....Cr\$ 70,00

Anexe um cheque nominal a favor da Editora Japi Ltda.



Relatório a Sua Majestade.

D'El Rey:

sem embargo eis-me em tão estrepitosa terra, a seu modo e à sua vontade, para fazer-vos relato fiel, ó majestade, dos feitos aqui havidos e acontecidos. Não creio sejam estes meus escritos de inteiro regalo da nobre Corte, uma vez o que me foi dado ver e ouvir, de longe escapa ao senso comum de nossas terras.

Eis-me que aqui chegado, aportada a nau em imundo porto, funcionários tidos e havidos como alfandegários tal era a alcunha que lhes era dada, houveram por direito abrir baús e arcas com o mister de encontrar suspeitas prendas, a que davam o estranho nome de contrabando, e que depois vim a saber, eram as nossas garrafas de rum, algumas vestimentas e objetos de adorno. Passaram tais pertences às mãos dos funcionários, que em retribuição forneceram vasto cabedal de papéis carimbados de frente e de revés.

Estranhos hábitos e costumes das gentes que habitam estas plagas, ó majestade!

Soem acorrer em grande número a estranhas competições que aqui chamam de desportivas, onde engalfinham-se alguns cidadãos de robustas compleições físicas, mas sem embargo disto vestidas como infantes, de curtas calças e coloridas camisolãs, a correr desmensuradamente e com afã no encalço de uma esfera de couro a que chamam de bola. Constitui-se o colimado em colocar dita esfera dentro de uma malha rendada, feito esse a que se dá o nome de gol, e que é alardeado em altos brados por uma das facções em luta, ao passo que a outra recolhe-se a um constrangedor silêncio. O inverso se dá quando a facção até então silenciosa coloca a dita esfera na malha rendada da até então alvissareira facção.

Julgar-se-ia pela importância dada a tais feitos, serem elas da mais alta relevância para os destinos da população, que a elas parece dedicar a mais viva emoção. Uma das facções em luta parece contar com o decidido apoio da maioria das gentes, que carrega seus estandartes pelas ruas, e proclama seu nome em altos brados donde quer que esteja.

Creio, salvo melhor juízo (que não tardarei a formar, ó majestade) que essa poderosa facção recebe o ápodo de Coríntios, muito embora, malgrado esforço meu, não tenha até o instante em que vos envio este relato, conseguido atinar com o significado contido neste sugestivo nome. A dar ouvido às informações colhidas aqui, ali e acolá, não consta do vernáculo local explícito significado para tal palavra. E fato curioso, ó majestade: tal facção, embora agraciada e protegida por tamanho apoio popular, vim a sabê-lo nas minhas andanças por estas estranhas terras, não é exata-

mente aquela que dos campos de liça sai a mais triunfante. Dizem as vozes das gentes daqui, que alguns lustros atrás tal facção se encheu de glórias nos campos de batalha, mas que tal se apaga das memórias. Cáspite, juro-vos ó majestade, que durante minha permanência nestas plagas hei de descobrir, mesmo qu'isto me custe a alma, o motivo de tamanho disparate!

Como se não bastasse tão estranhos costumes, eis que a gente daqui também se dedica a passar as noites postada diante de uma engenhoca de retangulares formas, a ver e ouvir pessoas semelhantes a elas porém de dimensões reduzidas, a explicitar em longas discursões feitos acontecidos em suas vidas, tais como amores, intrigas, seduções e mortes, como da vida real extraídas. Soube-se, pelo vozerio reinante, que a tão esdrúxulas manifestações dá-se o nome de novela, e que elas se mantêm por noites e noites a fio, sendo vivamente apreciadas pelas pessoas, que a elas dedicam extrema atenção.

Coube-me ver, noites passadas, pequenos trechos de tão estulto acontecimento, e eis que devo confessar-vos meu total desentendimento. A horas tantas as palavras que dão sentido às discursões são repentinamente interrompidas por outras tantas discursões em que se exaltam, de viva voz, os mais estranhos badalques, balangandãs e apetrechos de que se possa ter notícia para fins, ao que parece, de comerciados. Em seguida, recompõe-se a discursão anterior. É uma algarávia dos diabos, que este servo humildemente promete, ó majestade, observar mais acuradamente para prestar-vos relato mais fiel na próxima missiva.

Sendo horas tardes da noite, despeço-me mui respeitosamente de Vossa Majestade, reportando as demais informações ao relatório, segundo, que farei dentro de oportuno tempo.

Vosso Servo.

Post-scriptum: em tais discursões supra-citadas, para fins de barganhas comerciais, que este vosso servo viu nas caixas retangulares já descritas, há um oferecimento que por certo causará espanto aos ouvidos da Corte: homens, seres semelhantes a nós, são oferecidos tal qual poder-se-ia em nossas terras oferecer noz-moscada ou o mais puro azeite. E tais pessoas são numeradas com algarismos arábicos, cujo significado julgo ser, salvo melhor juízo, o preço. Tais pessoas recebem aqui a alcunha de "candidatos". Vossa majestade, julgaria útil a aquisição de um desses exemplares para gáudio da Corte, e quiçá, posterior exame mais acurado do espécime?

Sandro Vaia

PLANTÃO

golpe de foice na vaca de um vizinho, numa cidade do interior.

Então, pergunto: como pode este homem ficar quase apodrecido no cárcere, enquanto Francisco Costa da Rocha não foi considerado, em momento algum, perigoso?

Mistérios de nosso triste sistema penitenciário, onde além da dicotomia entre reclusão e detenção, existem outras sérias distorções, comprovando que em pleno século XX, de fantásticas transformações, se prefere adotar um sistema medieval, inócuo. E quem se prejudica? Em última instância, a própria sociedade, que gasta uma fábula para manter essa onerosa e muitas vezes inútil máquina policial-judiciária-penitenciária.

II

Fui convidado para ser um dos entrevistadores do secretário da Justiça, Manoel Pedro Pimentel, em programa da TV Bandeirantes (que será levado ao ar na noite desta segunda-feira). Uma farta exposição sobre o sistema penitenciário carcerário foi feita pelo professor.

Pimentel tem sido enfático ao defender a tese dos substitutivos penais. Ele diz que o problema de superlotação existe somente na Casa de Detenção, e que os outros estabelecimentos penais da rede de presídio da Secretaria da Justiça, estão com sua lotação normal.

Mas admite que, de fato, a estrutura do sistema penitenciário deixa muito a desejar. Para se ter uma idéia, basta observar uma informação que o próprio secretário forneceu: hoje, está sendo cumprido um programa de construção planejado no governo de Jânio, em 1955. Portanto, após vinte anos de omissões, somente poderíamos ter chegado ao triste ponto em que nos encontramos.

III

Durante o VIII Encontro Nacional de Delegados de Polícia, realizado em Minas Gerais de 14 a 17 de outubro, foi lançada a "moção de Belo Horizonte". Entre outros pontos, essa moção afirma que...

— A presença do Delegado bacharel em Direito, na direção dos serviços policiais, deve ser uma garantia do respeito à lei e às liberdades individuais. Assim, seria recomendável a criação da Polícia de carreira nos poucos Estados que ainda não a possuem, com a eliminação do Delegado leigo, no mesmo passo que se deve pretender aperfeiçoar as existentes, dando-se à autoridade policial a necessária independência para que possa atuar com isenção, de acordo com as normas técnico-profissionais e os imperativos da sua consciência ético-jurídica.

Percival de Souza

Há dez anos atrás, quando eu começava na reportagem policial, estive num apartamento da rua Aurora, em São Paulo, onde havia sido estrangulada e esquartejada uma jovem prostituta de 22 anos, Margareth Suida. O autor do crime era um rapaz de 26 anos, Francisco Costa da Rocha. Por que? Na época, o então delegado-titular do 3.º Distrito Policial, Rubens Liberatori, permitiu que eu tivesse uma longa conversa com Francisco. E fiquei sabendo daquilo que não constou dos chamados "autos", porque normalmente — dentro de um inquérito ou mesmo de um processo — o objetivo é esclarecer os fatos criminosos em si.

Há dez anos, numa cela do 3.º Distrito, o esquartejador me contava: fugiu de casa aos 13 anos quando, voltando um dia mais cedo das aulas, surpreendeu a mãe mantendo relações com um homem estranho. Naquele momento, seu pai estava trabalhando.

Durante treze anos Francisco carregou consigo, de forma introspectiva, aquele trauma profundo. Então, aconteceu uma noite, comendo uma refeição comercial em um simplório restaurante da avenida Ipiranga, passou pela calçada a jovem Margareth Suida. Seus traços fisionômicos eram extremamente parecidos com o de sua mãe. O desenrolar foi rápido: o convite para ir ao seu apartamento, algumas doses de bebida, o estrangulamento e o esquartejamento.

Na prisão, Francisco mostrou-se um conhecedor da vida de Chopin, Litz, Brahms e Dostoiévski. Havia lido Kafka e Goethe. Depois de cumprir metade da pena a que fora condenado — 16 anos de reclusão — Francisco obteve o livramento condicional, pois os psiquiatras entenderam que estava cessada sua periculosidade.

Colocado em liberdade, Francisco praticou outro crime, nas mesmas circunstâncias: estrangulou e esquartejou Angela de Souza Silva, de 34 anos.

Por que isso aconteceu? Uma pergunta que merece resposta. Há pouco tempo, o catedrático de Direito Godofredo Silva Teles afirmou, durante um painel realizado na Pontifícia Universidade Católica — do qual tive a honra de participar — que os juristas são, no momento, "os únicos que se recusam a aceitar a evolução da ciência". Godofredo entende (e muitos lhe dão razão) que de modo geral julga-se sempre o fato, e nunca os homens.

Ao mesmo tempo, recorde um comentário que fiz aqui sobre o filme "Um Estranho no Ninho" e a reação que provocou nas pessoas. Pois bem: soube há pouco tempo que o juízo das Execuções Criminais liberou, este ano, um homem que permaneceu durante trinta (30!) anos no Manicômio por ter cometido um bárbaro crime: aplicou um

LEIA E ASSINE

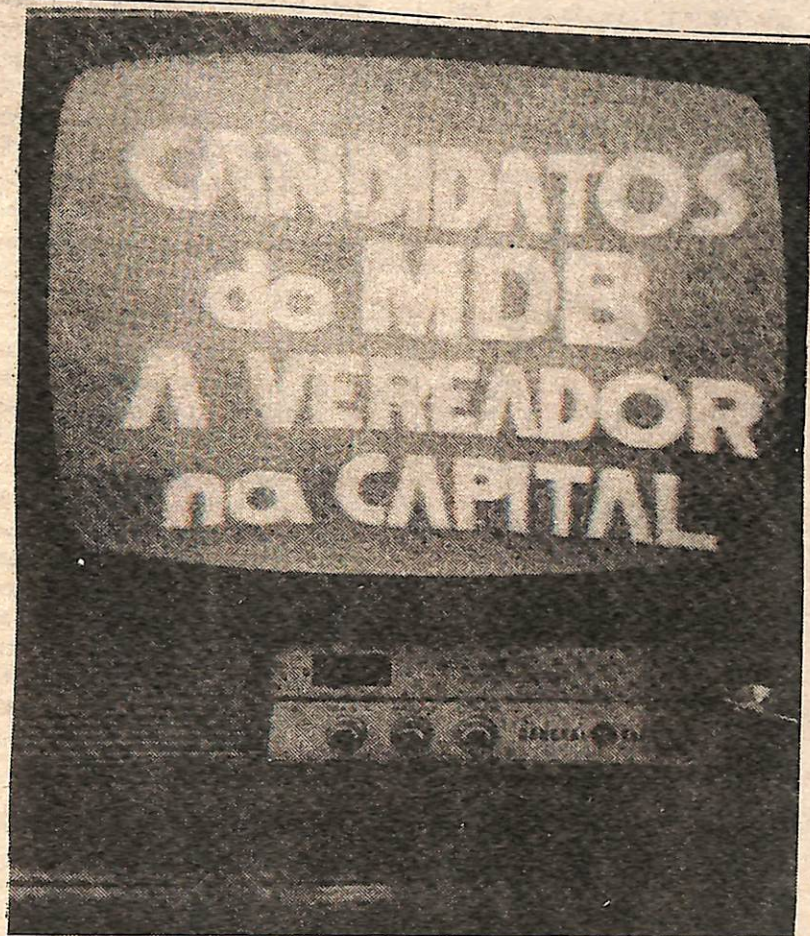
O JORNAL DE 2ª

disque: 434-2759

8

es oferecem ia: a política.

L VENDER O PRODUTO)



TEVÊ



Um desfile de retratos, números,
lugares comuns, hinos,
músicas sem letra e
um profundo tédio do telespectador.

de repulsa que a tevê anuncia:
tores, em cumprimento à lei
superior Eleitoral, somos obriga-
representação da novela "O Casa-
destinando-os à propaganda elei-
" (bo, 15 de outubro)

a foto, o nome, o número e no
ênfase para a legenda. O MDB
um suave arranjo de "Peixe
etra, porque a Lei Falcão não
etra. Usa também a marchinha
na campanha de 74, "é hora,
cia, do MDB", também sem a

Arena, entre a foto de um
mesmo acorde insistente de uma
undo muitos telespectadores,
ara irritar.

to rigorosa e não permite va-
dos dois partidos limita-se a
de caras impassíveis, nomes e
mos.

itos cursos, sendo que as fa-
são as da USP e da PUC;
de poder ostentar cursos de
rior. Diretores de alguma es-
ogados e médicos são os pro-
cência, e eles sempre procu-
candidatura com a experiência
ram, embora nem sempre uma
com a outra.

ais originais, ostentam sua con-
tores de programas de rádio,

defensores das donas de casa, do menor abandonado,
divulgadores de música sertaneja e até pregadores do
Evangelho.

Os candidatos à reeleição fazem questão de men-
cionar as que consideram suas obras de maior relevo:
"autor do projeto que permite ao presidiário de bom
comportamento trabalhar fora"; "lutou e conseguiu
mais policiamento nas escolas"; "é dele o projeto que
permite o parcelamento da taxa de conservação dos
prédios"; "lutou e vem lutando para melhorar a me-
renda escolar"; "batalha pela melhoria do atendi-
mento dos hospitais"; "criou o ensino supletivo munici-
ap gratuito"; "vibrante batalhador dos interesses da
população" e coisas pelo estilo.

Quase todos, são ou foram, diretores, presidentes
ou membros de diretórios, Sociedade Amigo dos
Bairros, sindicatos, entidades assistenciais e outras
associações. Presidentes de escolas de samba e de
conselhos de umbanda e candomblé, campeões de
modalidades de esporte e torcedores do Corinthians,
também não omitem esse importante elemento de
informações.

Com bastante assiduidade se fazem referências
aos "diplomas de honra ao mérito", comendas e
medalhas de ouro e prata, outorgados pelo Estado,
pelo Presidente da República e até pela Rainha Eli-
zabeth. Outro dado, da mesma forma bastante men-
cionado, é a participação dos candidatos em centros
comunitários, cursilhos, encontros de casais com
Cristo e coisa do gênero.

São essas informações que durante 5 minutos,
de meia em meia hora, os telespectadores receberão
até o dia 13 de novembro.

OPINIÃO DO POVO



Ana Maria Miller, uni-
versitária: "Bem, liber-
dade é uma calça azul ve-
lha e desbotada". Lei Fal-
cão? Acho que ela só veio
confirmar uma série de coi-
sas que já estavam aconte-
cendo. Sabe de uma coisa?
Eu nem acredito que exist-
tem dois partidos políticos
no Brasil. É só.



Dirce Cardoso de Sá, co-
merciária: "é uma se-
quência monótona, horrível,
sempre a mesma coisa. Em
vez de chamar a atenção, can-
sa, ninguém liga mais. Deveria
haver um horário estipulado
em que o candidato esclarece
seus pontos de vista, seus
ideais. Em 74, a propaganda
tinha suas falhas mas era
bem melhor".



Ari Oswaldo Galasti - co-
merciante: "estou ven-
do a propaganda pela televi-
são, mesmo porque é difícil
deixar de vê-la. Tem a toda
hora. Não acho que essa
campanha tenha muita uti-
lidade para nós, do interior,
que não temos nada a ver
com os candidatos da capi-
tal. Mas acho que é melhor
assim, com aparecimentos es-
porádicos dos candidatos do
que com redes de televisão,
com gente falando muito
tempo".



Antonio Tavares, vere-
ador, candidato à reelei-
ção: "acho que o fato de as
medidas terem sido tomadas
depois que os candidatos
lançaram sua campanha
prejudicou um pouco. Mas
acho que a lei da propaganda
foi boa para os dois parti-
dos. Eu acho que o debate
entre candidatos deveria
mesmo ser abolido, porque
às vezes eles chegavam à
agressão física, e isso não
pode acontecer".



Raulf Milani, comerciário:
"acho esta propaganda
impertinente e chata. O mo-
nólogo distancia o eleitor
do candidato. Deveria haver
debates. Eu me lembro do
programa Pinga Fogo, era um
debate ferrado. Só assim a
gente conheceria e sentiria
melhor a pessoa. Os candi-
datos só falam o que fize-
ram de bom: é preciso
saber também o que não
fizeram".



José Carlos Celidônio,
cabeleireiro: "não te-
nho acompanhado a cam-
panha com muita frequência.
Eu acho que ela é incômoda
atrapalha os programas nor-
mais da televisão. Mas eu
acho que este ano está mais
calmo do que em 1974. Eu
acho que os candidatos de-
veriam falar alguns munitos
e sumir".



ZONA FRANCA

A TURMA DA NUMERADA COBERTA, ESPALHANDO BOATOS

"Como assinante desse jornal, fiquei surpreendido ao receber em casa a 'Edição Extra'. Só espero que os senhores não parem no dia 15, como estão dizendo por aí. Peço omitir meu nome, por favor". Um leitor

"Já fui procurado por um representante dessa empresa, que me pediu para assinar o 'Jornal de 2a.', mas estou em dúvida, diante de tantos comentários que têm surgido: o 'Jornal de 2a.' vai mesmo continuar? Ele não nasceu com data certa para acabar?" Camilo Melchíades

Repetimos: o Jornal de 2a.-Feira vai continuar, para desgosto da turma da numerada coberta.



A MENINA E AS BORBOLETAS

"Parabéns pelo artigo 'A Menina e as Borboletas', de Sandro Vaia". Nélia Lima

O Sandro ainda não viu sua carta mas agradece.

"Li o artigo 'A Menina e as Borboletas', do Sandro, e confesso que não entendi nada. Achei ridículo". Cesare Camarinha Castagno

O senhor não entendeu nada e chegou à conclusão de que o artigo é ridículo? Também não entendemos sua carta, Câmara.

UM PEDIDO: PERCIVAL EM JUNDIAÍ

"Acho os artigos do Percival de Souza a melhor coisa desse jornal. Por que vocês não trazem o rapaz para fazer uma conferência em Jundiaí?" Fausto Marcílio

Boa sugestão, Fausto. Aguarde novidades.



MAIS ÔNIBUS PARA ERMIDA E MEDEIROS

"Através desse jornal, peço a quem de direito que aumente o número de ônibus para os bairros de Ermida e do Medeiros. Acho que o pessoal aqui merece" Um usuário

Taf o pedido, usu. Agora, é esperar pelas providências.

O JUNDIAIENSE TRISTE ATACA OUTRA VEZ

"Com referência aos cabos eleitorais do MDB, peço ao bom amigo que perdoe o meu engano quando mencionei rua Carlos Gomes em vez de rua São Pedro. Acontece que na rua Carlos Gomes tinha tantos cabos eleitorais do MDB, mas tantos que acabei trocando o nome da rua mencionada pelo amigo da Arena, que era de fato a rua São Pedro.

Peço então, ao bom amigo da Arena e ao bom amigo redator que me perdoe o engano, não foi por má fé que troquei o nome da rua. É que na rua Carlos Gomes existem tantos buracos (ou cabos eleitorais, como disse o amigo da Arena) que no fim da picada a gente acaba perdendo até o rumo. Um grande abraço a todos os que trabalham no Jornal de 2a. Feira... Jundiaenses muito triste

Tem nada não, Jund. Ainda bem que você reencontrou o rumo.

PARE



NOVE DE JULHO: DUAS SUGESTÕES

"Tanto se fala nos perigos do cruzamento da avenida Nove de Julho com a Eduardo Tomanik. A solução, a meu ver, seria simples: uma grande feixa escrita Pare, nesses cruzamentos. Isso reforçaria a sinalização já que parece que só os semáforos não resolvem muito". N.S.

Outro dia, passando pela avenida Nove de Julho, ocorreu-me o seguinte comentário: o ideal seria construir um pontilhão, eliminando-se os cruzamentos daquele artéria. Será que isso não passou pela cabeça dos responsáveis pela obra?" Ercílio F. Watson

O BRINDE

"Vocês viram o brinde que os escolares ganharam na véspera do Dia da Criança?" Uma leitora muito assídua.

É o progresso explodindo de minuto a minuto, cara leitora.

EXTRA!

O ano vai ter 64 semanas!



Durante o mês de outubro, quem fizer uma assinatura anual do 'Jornal de 2a.' recebe mais 3 meses de jornal, absolutamente grátis.

Ou seja, você assina 1 ano e lê 1 ano e 3 meses. Um excelente negócio, pelo mesmos Cr\$ 120,00 da assinatura normal.

Esta promoção só é válida até 31 de outubro.

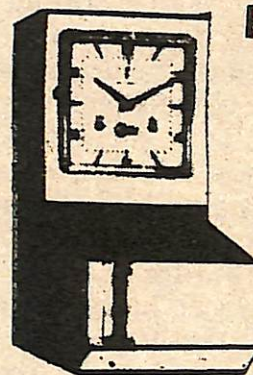
JORNAL DE 2a.
Rua Senador Fonseca, n.º 1044
telefone: 434-2759

COMÉRCIO DE COUROS

Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 - 60,00
Bola futebol n.º 2 - 74,00
Bola futebol n.º 3 - 97,00

FOTO GELLI
Rua do Rosário, 334
Fone 4-2253

CECCATO
O mecânico de seu carro
Rua Dr. Antenor Soares
Gandra, 140
Fone 6-4522



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTD

BARAO-427 FONE-6-8231

ESTRUTURAS METÁLICAS

PROJETO - EXECUÇÃO - MONTAGEM

Plataformas - Estruturas Leves e Pesadas

"Shed - Duas Águas - Arcos"

Zomignani & Cia. Ltda.



ESCRITÓRIO JUNDIAÍ:
PRAÇA GOVERNADOR PEDRO DE TOLEDO, 24
CAIXA POSTAL, 801 - FONE, 6-5441.

ONDE APRENDER INGLÊS EM JUNDIAÍ

**Yazigi:
há 11
anos em
Jundiaí**

Fundado em 24 de outubro de 1950, o Instituto de Idiomas Yazigi foi transformado, no ano de 1966, em sociedade civil, cultural e sem finalidade lucrativa. Desde sua fundação, utiliza para o ensino de línguas o seu método próprio e, em função de experiências e pesquisas, atualiza constantemente sua metodologia.

O Instituto de Idiomas Yazigi conta atualmente com duzentas escolas em todo o País, e já forneceu certificados de habilitação a mais de 300.000 alunos. O método tem hoje seus fundamentos teóricos codificados, sendo reconhecido internacionalmente. No mesmo ano em que foi fundado o Yazigi, inaugurava-se em São Paulo a primeira emissora de TV da América do Sul — exatamente a 18 de setembro de 1950. O Yazigi não se fez esperar e já em 1951 tinha início um curso de inglês pela televisão. Simultaneamente, as aulas eram apresentadas pelo rádio, sob a forma de rádio-teatro — que se constituíam então, no mais popular meio de divulgação — e pelos jornais, sob a forma de histórias em quadrinhos. Foi assim, o primeiro a fazer teleeducação no País.

O método Yazigi está alicerçado em princípios oriundos dos seguintes campos: metodologia do ensino de línguas estrangeiras, linguística aplicada, psicologia da linguagem, psicologia social, ciência-arte da Educação, tecnologia áudio visual e arte-ciência da elaboração de livros didáticos.

O CENTRO DA LINGÜÍSTICA

Na época da sua fundação, o Yazigi criou um departamento pedagógico.

No ano de 1955 o referido departamento foi transformado em Departamento de Estudos e Pesquisas, com a finalidade de difundir técnicas de ensino e estabelecer intercâmbio com centros de estudos linguísticos nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Ao longo de 23 anos, o Yazigi vem se aperfeiçoando incessantemente, foi a única instituição de ensino de línguas no País a ser reconhecida pelo Ministério da Educação e Cultura. Desde dezembro de 1971 vem, através de seminários, fazendo o treinamento dos professores que desejam se integrar no seu método. A maior parte desses seminários foi promovida com o apoio das secretarias de Educação Estaduais e Municipais.

O Instituto de Idiomas Yazigi, de Jundiaí funciona há exatamente onze anos, conta atualmente em seu quadro de funcionários com dez professores e três secretárias.

O prof. Eduardo A.J. Duarte D'Oliveira, nomeado há um ano Conselheiro Pedagógico Nacional do Yazigi, é o diretor pedagógico da escola. E sua esposa, Suely A. D'Oliveira, a diretora administrativa.

OS CURSOS

Inglês para crianças e adultos, Português para estrangeiros, curso

de inglês para viagem e alemão. O curso de alemão tem a duração de três anos, divididos em três estágios. O curso de inglês em 6 estágios tem a mesma duração do curso de alemão, divididos em dois estágios anuais. Incluindo também o curso de férias, que visa à diminuição da duração normal do curso. Tem, duração de um mês e é realizado apenas nos meses de julho e janeiro.

O curso chamado Junior abrange crianças de oito a doze anos de idade, dura dois anos e é dividido em dois estágios.

O prof. Eduardo, além de ser diretor de mais duas escolas, uma em Limeira e outra em Itú, é também delegado regional do Youth For Understanding (Y.F.U.) e também da International Fellowship, programa de intercâmbio cultural de estudantes Brasil-Estados Unidos. Esses programas duram três meses, seis meses, nove meses e até um ano.

O aluno para participar dessa realização tem que estar fazendo um curso de inglês independente de ser ou não do Yazigi, estar na faixa de idade de dezesseis a dezoito anos, depois prestar um exame de inglês e seleção. Nos Estados Unidos o aluno fica hospedado em casa de família americana durante toda a sua permanência. Nesse período, o aluno precisará interromper seus estudos continuará a realizá-los em escolas dos Estados Unidos. A International Fellowship tem as mesmas pretensões do Y.F.U. com programas de seis meses e um ano para estudantes e de três meses para universitários. Além do programa de seis meses, o Fellowship oferece a bolsa de estudos de três meses e nove meses, que funciona há dez anos. Há no Yazigi de Jundiaí um departamento de cursos externos com a finalidade de ministrar aulas em firmas. Algumas firmas que aproveitaram desses cursos externos são Ideal Standart, Eucatex, Sifco, Krupp, Cica, etc.

MÃO DE OBRA

O Yazigi está providenciando o cadastramento para o Departamento Nacional de mão de obra. Para que as firmas possam usufruir dos benefícios da aplicação da lei onde as empresas poderão deduzir em dobro da renda tributável, os cursos de inglês, alemão serão financiados para seus funcionários.

Segundo o prof. Eduardo, o Yazigi faz com que o aluno fale inglês com desembaraço, "pensando em inglês", ajudando, com isso, o perfeito raciocínio e acompanhamento das aulas dentro de seu método. O aluno também aprende a ler e escrever em inglês de maneira natural, assim como se aprende o português.

OS PREÇOS

Matrícula: Cr\$ 200,00; mais cinco pagamentos de Cr\$ 200,00. Endereço: rua do Rosário, 203-1o. andar.



**Maria Angélica,
uma das secretárias.**



Nabil, diretor da Fisk



Nelson, diretor da Lederman



Carlos Robson, do I.B.I.

Na Fisk, o ensino sem giz.

No mês de junho de 1968, começou a funcionar em Jundiaí, a Escola Fisk. Seu diretor, Nabil Salem é quem conta:

"A escola começou com a participação da professora Maria Cristina Baird. Em vista da grande procura que tivemos fomos obrigados a abrir mais outro prédio na Barão 227. Trabalhamos lá até 1975, depois mudamos em uma ampla instalação com salas enormes, para atendermos melhor a grande procura. Nesse mesmo ano, descobrimos um novo tipo de quadro-negro que dispensa a utilização do giz. O que achamos de muita valia, já que o giz pode transmitir germes e alergia. No lugar do tradicional quadro negro, usamos uma lousa branca, onde se escreve com canetas atômicas. O material é importado e as canetas atômicas fazem parte dele. Sendo de um custo muito alto, poucas escolas podem adquiri-lo. Somos em Jundiaí, os únicos a possuir este sistema e o primeiro a adotá-lo."

CURSOS

"Nossos cursos são divididos em três estágios de quatro meses e dois cursos de especialização. Temos o Alemão, o Inglês e o cursinho de preparação para a Faculdade Padre Anchieta. Ensina o inglês não como papagaios, não admitimos o aluno decorar uma palavra sem dominar o

sentido. Nós ensinamos o próprio aluno a aprender inglês baseado no ensino da língua. Além dos outros cursos normais, temos o curso Técnico, não havendo necessidade do aluno ter feito o curso de inglês normal. Ele poderia começar pelo técnico. Temos cursos infantis, dos cinco anos até os doze. Então, hoje, a partir dessa idade pode a criança aprender inglês. Dos doze aos dezoito anos, existe o curso juvenil.

A Fisk conta atualmente com 600 alunos, mantém convênio com várias indústrias em Jundiaí e Região. O fundador da Fisk é Richard H. Fisk. Hoje, existem duzentas e trinta e seis escolas por todo o Brasil. Temos cursos audio-visuais, mas não são usados em todos os estágios. A partir do segundo é que o adotamos. Temos um curso de inglês onde o aluno pode estudar em casa sem precisar frequentar as salas de aula. Fornecemos o material necessário, e depois de três meses, o aluno presta um exame. Para passar de um estágio a outro, não havendo obrigatoriedade desse curso ser feito somente em três meses. Pode ser atendido conforme a necessidade do aluno. Nosso primeiro estágio, chamado Basic, oferece conversação contendo o mecanismo da língua inglesa, que, no nosso entender, elimina definitivamente as dificuldades encontradas pelo brasileiro para aprender inglês."

Aulas grátis na nova escola.

A mais nova escola de inglês da cidade é o "The Lederman Terrell Institute", que fica na rua Barão de Jundiaí, 326. Os diretores são Nelson Luiz Terrell Ferrari e sua esposa, dona Lígia Lederman Terrell Ferrari. As matrículas estão abertas para os cursos de inglês básico e infantil; este abrange crianças de oito a doze anos. As aulas são dadas de manhã e à tarde.

Já o curso básico tem aulas de manhã, à tarde e à noite. As aulas são dadas três vezes por semana, com duração de cinquenta minutos cada uma. O curso dura três estágios, com oito a dez meses cada; o livro usado pelo curso básico é o "English Bitle Audio-

Visual Method", e o do curso infantil é "Come and Play".

AUDIO-VISUAL

O curso todo é audio-visual, isto é, são usadas projetores em todas as salas. Segundo a diretora Lígia, não haverá a chamada comercialização de livros, isto é, a obrigatoriedade de se adquirir dicionários e outros livros, pois o curso básico será totalmente apostilado. Há ainda o curso técnico, para um maior aperfeiçoamento. A escola está oferecendo uma semana de aulas grátis, para demonstração do método.

A finalidade do processo áudio-visual, segundo Nelson, "é exatamente dar ao aluno a possibilidade de dominar oralmente um idioma".

— Esse domínio oral, como consequência, levava ao domínio restrito, se desejado, ao domínio teórico da gramática. Ainda evoluído, o processo áudio-visual se transformou no áudio-visual situacional, onde se estudam quais as estruturas que devem ser usadas em função de que situações. É, no momento, o método mais moderno para o ensino de idiomas estrangeiros.

Endereço: rua do Rosário, 506, 1o. andar.

Mais três cursos de inglês.

Star Audio Visual, aulas para crianças e adultos nos períodos diurnos e noturnos. A escola se localiza à rua Dr. Torres Neves, 406. O método usado para o curso infantil é o de Solange Ribeiro; para os outros cursos noturnos, método Didier. A responsável pelo curso é Dinah Hofling Milani. Cursos de 14 meses, divididos em três estágios, ao preço de duzentos cruzeiros por mês, com uma matrícula do mesmo valor.

Centro Cultural Anglo-Americano funciona desde julho de 75, tendo como responsáveis Antônio Batista e José Romualdo de Moraes. Os cursos, no momento, são para adolescentes e para crianças (children's course). São divididos em seis estágios de quatro meses cada um. Custam 180,00 para adultos e 150,00 para crianças.

Dentro de pouco tempo a escola estará oferecendo outros cursos:

Instituto Brasileiro de Idiomas (I.B.I.), recentemente instalado à rua do Rosário, 301. Seu diretor é Carlos Robson Rondine. A escola oferece aos interessados cursos de inglês para adultos e crianças. As aulas são dadas em cabines individuais, com dia e hora marcados. O preço total do curso é de quatro mil, oitocentos e oitenta cruzeiros, incluindo aí todo o material didático necessário. Pagamento em até oito prestações.



Indios, bandidos, antropófagos. Argh!

Paul Newman, Charles Bronson, Sofia Loren e outros menos votados, em nossas telas durante esta semana.

Charles Bronson, Sofia Loren e Marcelo Mastroianni desfilam diante de nosso palanque, esta semana. O primeiro, num faroeste com muito índio: os outros dois formam dupla na comédia "A Garota do Bandido". E vocês têm ainda outra opção: gente comendo carne humana em "Sobreviventes dos Andes". Sirvam-se:

Piscina Mortal — De 25 a 27, no Marabá. Com Paul Newman e Joanne Woodward. Contratado por uma bela mulher, para desvendar complicações legais criadas por parentes e desafetos, um investigador particular se vê envolvido na mais perigosa aventura de sua vida profissional. Bom para quem não é sócio de nenhum clube.

A Garota do Bandido — De

28 a 30, no Marabá. Sátira aos filmes gangsters americanos, com Marcelo Mastroianni fazendo o papel do chefe de uma quadrilha (ou será, gang?) que explora a prostituição. Sofia Loren é uma de suas vítimas que acaba se tornando sua favorita. Mais ou menos necessário.

Um trem do inferno — Dia 31 no Marabá. Faroeste baseado num livro de Alistair Maclean (autor de "Os Canhões de Navarone"), com Charles Bronson. Tem mocinho, bandido, índio... o chato é que o filme se passa quase que o tempo todo dentro de um trem. Estudantes pagam meia passagem.

Bacalhau — Comédia nacional inspirada no filme "Tubarão". Desnecessário.



Carnaval na 9 de Julho? Não, filme no Marabá

Traficantes do Sexo — Nada a declarar.

Sobreviventes dos Andes — De 29 a 31 no Ipiranga. Um avião cai nos andes e os que escapam comem carne huma-

na, para sobreviverem. Baseado nos acontecimentos reais de 1973, quando um avião da Força Aérea Uruguaia, levando a bordo uma equipe amadora de rugby, bateu numa montanha. O diretor

René Cardona foi violentamente criticado por esse filme. Faltou ética, faltou dignidade. Sobrou mediocridade. Mas querem apostar que o cinema vai ficar cheio nesses três dias?

A fama de Kubrick não é injusta. (Barry Lyndon prova isso.)

Barry Lyndon: direção: Stanley Kubrick, Fotografia: John Alcott, com Ryan O'Neal e Marisa Berenson.

1) Eis aí um filme que já começa por ganhar um público seguro: esta parcela da população para quem todo objetivo do cinema consistiria em alcançar o máximo possível em matéria de chiqué. E verdade seja dita, todo esse refinamento bem europeu que para uma quantidade de brasileiros constitui uma espécie de paraíso perdido, encontra em Barry Lyndon uma de suas formulações mais bem acabadas.

2) Espera-se hoje em dia por um

filme de Stanley Kubrick como há tempos atrás esperava-se por um Orson Welles: é antes de tudo o mestre, o criador de universos, aquele a quem tudo se permite. A fama não é injusta: diante de seus filmes o espectador desfruta da agradável sensação de se encontrar face a um objeto perfeito. Perfeição, por exemplo, a nível de esquadração: a câmera é colocada em um lugar determinado e a impressão permanente é de que este era o único lugar possível, o lugar "certo". O mesmo se poderia dizer do ritmo, da interpretação ou da fotografia.

3) Ainda semelhante a Orson Welles (cujo Cidadão Kane introduz o teto no cenário ou a célebre profundidade de campo), Stanley Kubrick parece um cineasta destinado a deixar certas marcas. No caso, deverá dividi-las com John Alcott, realizador de um trabalho fotográfico realmente excepcional. Neste filme, pela primeira vez utiliza-se comercialmente uma objetiva com abertura de diafragma 0,5, que permite iluminar interiores a luz de velas. Não menos notável é a segurança com que se utiliza a câmera na mão neste filme, às vezes em condições particularmente difíceis.

4) Barry Lyndon conta a história do jovem Raymond Barry, obrigado a fugir da Irlanda após um duelo, sua passagem pelo Exército britânico e alemão, até o casamento com a jovem, bela e rica viúva Lyndon, após o que procura obter o título de Sir. Neste sentido, trata-se de um filme de aventuras, perfeitamente clássico, ao qual não falta essa incontável sequência de acasos que carregam um personagem mais ou menos disponível (ou neutro) às mais diversas situações.

5) Barry Lyndon se abre com um duelo, onde é morto o pai de Raymond, fecha-se com um duelo entre ele e seu enteado. Assim o excepcional cuidado dedicado a planos de exterior onde os personagens aparecem envolvidos por uma paisagem sobre a qual o céu é insistentemente marcado como um elemento de clotura — todo o filme preocupa-se em acentuar essa idéia de margem, de limite, de quadro histórico. Neste sentido, o filme não

deixa de ter a preocupação antropológica de reconstituir um quadro de vida a partir dos dados mesmo deixados por esta época (o século XVIII). Assim, o recurso a um tratamento de cores e a maquiagem procurando reconstituir da maneira mais fiel possível a maneira como esses personagens (a nobreza) se representavam, como se relacionavam entre si e com as outras camadas sociais. Enfim, que ânimo fazia essa mundo viver, que combinações de cores tratava-se de ver, que aventuras permitir e que ficção deixar. Barry Lyndon é um filme histórico à maneira hollywoodiana, mais um extravagante rigor na reconstituição de época: a história vista não como um processo evolutivo, mas no dia a dia de um código que cabe aos personagens executar com maior ou menor desenvoltura, maior ou menor descrença.

6) Como é inevitável que surjam as comparações com as produções brasileiras, seria o caso de dizer que fitas como Barry Lyndon estão longe de esgotar as possibilidades do cinema, ou que o tipo de "Perfeição" por ela visada seja uma espécie de absoluto a ser imitado e procurado. Stanley Kubrick levou três anos entre preparar e realizar Barry Lyndon e só isso já dá conta do capital empregado nesta produção.

A oportunidade de ver Barry Lyndon poderá ser também a oportunidade de rever Liliam M, o notável filme brasileiro onde Carlos Reichembach com um orçamento extremamente limitado pensa e critica a organização do filme de aventuras.

Inácio Araujo

ESTÚDIO NIEPCE
REVELAÇÕES
REPORTAGENS
POSTERS
"cores e pb"

CURSO DE FOTOGRAFIA e FOTO CLUBE

rua benjamim constant, 216
fone 436-6620

jundiaí - sp



PROGRAMA

Restaurante: a especialidade do Zetiserve é o frango feito pelo processo Chicken-in, servido em cestinhas e acompanhado de polenta frita e maionese (25,00). Para beber as opções são: "batida da casa", à base de abacaxi, vodka e groselha; vinho rosé e chopp preto ou branco.

Clube Jundiaense: dia 30, sábado, boate com o conjunto Corrente de Força.

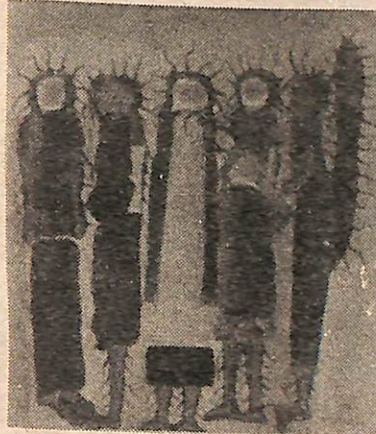
Grêmio: sábado, Baile dos Veteranos. Traje: passeio (cavaleiros) e toilette (damas). Brincadeira dançante, no domingo, com o conjunto Santa Branca.

Caxamba: Baile da Ternura, com o Biel Boys. Sábado, a partir das 23 horas. Ingressos à Cr\$ 25,00 (homens) e Cr\$... 2,00 (mulheres).

Uirapuru: domingo, das 15 às 18 horas, matiné infantil com o Grupo Poluição Sonora.

Esportes: dia 26, às 19h30, início da II Olimpíada Esportiva com a realização de 2 partidas de basquetebol na Associação Esportiva Jundiaense.

arte Sábado, a exposição de Nonato



Um quadro de Nonato

O pintor Raimundo Nonato vai ter sua exposição aberta no dia 30, sábado, às 20 horas, na Jundi-Hobbies (rua do Rosário, 660). A mostra terá cerca de 20 telas do artista piauiense, que atualmente expõe em São Paulo. Para os convidados, Chiquita, a dona da loja, está preparando coisas do Nordeste, assim como os temas dos trabalhos de Nonato.

teatro Uma peça de Millôr Fernandes em Jundiaí



Cena da peça.

Depois de Campinas, Jundiaí será a cidade que apresentará a peça de Millôr Fernandes, "A História é uma História e o Homem é o Único Animal que Ri".

A única apresentação será às 20 horas do dia 30, no Cine Teatro Vila Arens. A promoção é do Teatro Estudantil Brasileiro, em colaboração com a Secretaria

de Educação.

A direção é do veterano Cláudio Correa e Castro que conta com um elenco de grande experiência: Flávio Galvão, Elaine Cristina e Olnei Cazarré. No transcorrer da peça, serão mostrados cerca de 70 figurinos. Os ingressos estão à venda na redação do Jornal de Jundiaí, a 25 cruzeiros.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Bela Vista — Nova, fase de acabamento, 3 dormitórios, abrigo, copa-cozinha, três banheiros, quintal. **Oferta Vilar.**

Parque do Colégio — Mansão nova, com abrigo para 2 carros, living com armário e mais um banheiro, copa-cozinha, área de serviço, dependência para empregada, aquecedor central, etc. Pode ser financiada. **Oferta Vilar.**

Rangel Pestana — Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

Anhangabau — Térrea, dois dormitórios, abrigo, copa-cozinha, quintal. **Oferta Vilar**

Anhangabaú — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

J. Messina — Fina residência, sala L, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, ba-

nhheiro, dependência para empregada, fino acabamento. **Oferta: Ribeiro**

Vila Arens — Térrea, 3 dormitórios, sala de jantar, living, copa-cozinha, 3 banheiros, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta: Ribeiro**

Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Rua Pirapora — Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Medeiros — chácara maravilhosa, com 44.000 m2, totalmente plana, 2 casas sede novas, casa boa para caseiro, salão de festas, pomar, a 500 metros do asfalto. Ocasão. **Oferta: Ribeiro.**

Caxambú — Linda chácara, com 1 alqueire formada, casa

sede nova, casa de caseiro, corrego, bosque natural, pomar, etc... **Oferta: Ribeiro**

Corrupira — excelente chácara, 1 alqueire, excelente casa nova, casa de caseiro, 10.000 m2 de gramado, 2 lagos, córrego, pomar a 200 metros do asfalto. **Oferta Ribeiro.**

Nova Era — chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

Malota — magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suite, vestíbulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$... 1.800.000,00 (977). **Oferta Central de Imóveis.**

ÁREAS E TERRENOS

Rio Acima — Duas com áreas de 40.000 e 84.000 m2. A primeira só com

mata e água corrente, a segunda com mata, 2 corregos, casa simples, pomar e uvas. Lugar recreativo e pitoresco. Distância de Jundiaí 4 km. Ocasão. **Oferta Ribeiro.**

Área — Bem localizada, 168 m2. **Oferta Vilar.**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI



VILLAR IMÓVEIS

|Praça Rui Barbosa, 60
Fones 434-0111 — 434-0222



RIBEIRO
IMÓVEIS

administração
e vendas

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 6-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão
de Jundiaí, 1080
Fone 434-3311



"Todo mundo pensa que escrever para crianças é muito fácil. Nossas livrarias apresentam muitas edições de histórias infantis, mas a verdade é que, depois da morte de Lobato, nossa pobreza nesse campo aumentou de assustar. Não é a quantidade que vale, é a qualidade. E essa anda tão escassa que dá pena". (Mariana Reis, jornal Mensagem de setembro/76)

"Cuidado: gordura não é saúde". (Revista Cláudia, de outubro)

"Polícia dismantelou quadrilha de ladrões de peças para magrelas" (Jornal da Cidade, 25/7/76)

"O prefeito não responde a requerimentos de informações de vereadores que tratam de matéria importante, porque tem medo das consequências e os vereadores não processam o prefeito, pelo não atendimento, por medo da reação que poderá lhes prejudicar". (Virgílio Torricelli, Jornal de 2a., semana de 20 a 26/9)

"Também é tolice fechar a carta desaforada, com a contestação: "Desafio vocês a publicarem esta carta". Claro que a carta vai mesmo para o lixo". (Jornal da Cidade, 3/10)

"A imprensa só publica fatos que não melindrem o Executivo e apenas alguns vereadores não têm medo de exercer verdadeiramente o mandato". (Virgílio Torricelli, Jornal de 2a., 20 a 26/9)

"Essa língua estropiada prolifera e é exportada pelos discos e pela imprensa e por ela nos julgam no exterior. "Tá nessa?" "Estou a fim, "bicho", "cara", "jóia", "bárbaro", "legal", "um barato", só podem acontecer num país em que ocorre a reprovação de noventa por cento de redações em um exame feito para professores de português". (Professor Napoleão Mendes de Almeida, Jornal da Tarde de 11/9)

"(...) Nesses bate-papos de fim de tarde, estranha-nos ouvir que houve aumento de impostos. Houve, e daí? Tudo não aumenta? O que, hoje em dia, tem custo estabilizado? E quem é que paga imposto? É aquele que não tem propriedade ou que dele se beneficia. Mas, se olhar em volta, verá que sua rua foi asfaltada. Que foi iluminada. Que a rede de esgotos foi concluída. Que a iluminação chegou. Enfim, os benefícios estão ali, à frente de quem quiser ver". (Jornal da Cidade, 3/10)

"Um jornal só é bom quando você acredita nele". (Jornal do Brasil)

"Esse viaduto sobre a 9 de Julho é um exemplo de como a nossa "corajosa e dinâmica" administração vem aplicando os preciosos recursos do município. Outro exemplo é a própria reportagem da revista "Manchete", segundo informações de fontes ligadas à Editora Bloch, cada página de publicidade, a cores, custa Cr\$ 170.000,00. Duas páginas, Cr\$ 340.000,00". (Jornal de 2a. 13 a 19/9 a respeito de matéria paga sobre Jundiá publicada na revista "Manchete"; duas páginas)

"Os críticos de TV, por exemplo, são uns buzuntas. Faço uma entrevista com Roger Vadim, que eu considero o Carlitos do cinema moderno, um criador de mitos e estrelas, e não dão uma linha, não tomam conhecimento, entende? Mas crítico de TV não tem a mínima importância, não vende, não dá Ibope. Exige tudo perfeito, senão, vêm de cima. Saiu uma vez, meia página num jornal de Londrina, dizendo que em vez de eu entrevistar mulheres bonitas e famosas devia procurar lavadeira e favelada. Mas por que? O que é que elas têm pra dizer? Miséria? O jornal deles já publica cinco páginas de tragédia. São uns críticos de m... crítico de titica". (Ibrahim Sued, colunista social, "Última Hora" do Rio, 4/10)

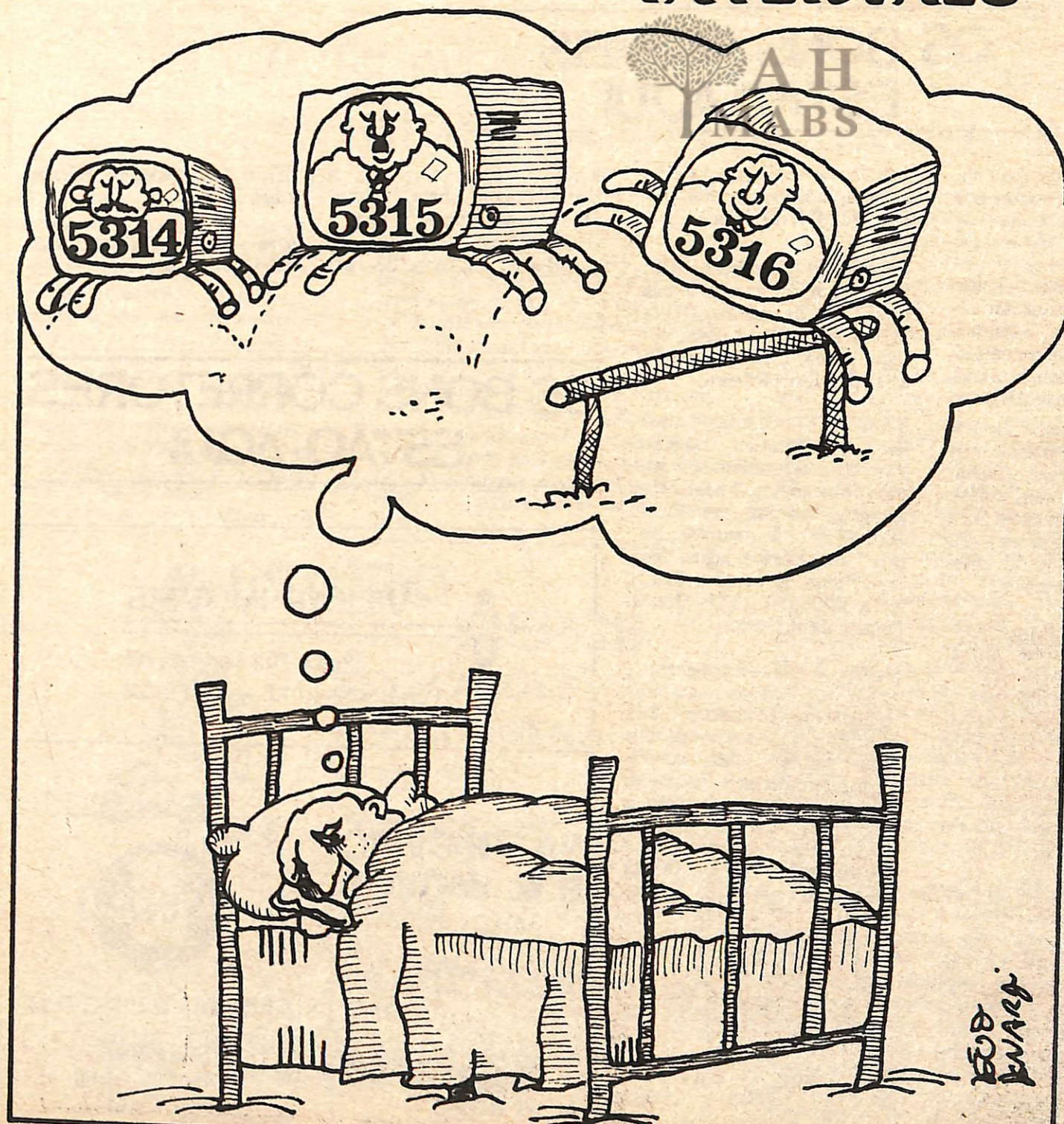
"A instalação de unidades de saúde nos bairros foi uma realização pioneira no setor de Saúde, da Administração Ibis Cruz, em convênio com o INPS". (Jornal da Cidade, 10/10)

"Assim, usando o dinheiro do INPS, que, no fim das contas, é o dinheiro do próprio trabalhador, a Prefeitura faz seu demagógico jogo eleitoral aviltando a classe médica, distribuindo comprimidos e diagnósticos de pouca serventia, atacando o mal pela superfície e deixando intocadas as verdadeiras e profundas causas de má saúde do povo: falta de saneamento básico, falta de higiene, falta de água tratada, condições precárias de habitação e nutrição". (Jornal de 2a., semana de 30/8 a 5/9)

"Pode escrever. Eu faço uma aposta: se o meu candidato tiver menos votos que qualquer sujeito do Jornal de 2a. Feira que se disponha a concorrer, eu mudo de Jundiá". (Prefeito Ibis, Jornal da Tarde, 8/6)

"Do jeito que nós estamos jogando, o adversário tem que ter muito fôlego e sobretudo futebol". (Marciano, jogador do Flamengo, em entrevista à "Última Hora, do Rio)

INTERVALO



PUF

Morfeu inventou o braço do sofá-cama.

Cabala foi uma égua que tinha 7 palmos de altura.

Jargão morava num lugar comum.

Bacon comia omelete como um porco.

Lupa amamentou Sherlock Holmes e Dr. Watson em Roma.

Basilica foi uma herege que atirou abóboras em São Pedro.

Molinete foi um toureiro que morreu afogado.

Bastarda é um tempero de péssima reputação.

Garupa é um peixe parecido com o cavalo-marinho.

Tapume é um quebra-pau entre pedreiros.

Molécula é uma gosma que sai do nariz dos microorganismos.

Molotov tomava coquetéis bombásticos.

Balela é uma pastilha para dor de garganta.

Bérberes são feridinhas que nascem nos camelos.

Galícia é uma ave espanhola de sexo indefinido.

Têmpera é um quebra-cabeças feito de aço.

Vacância é uma colônia de férias holandesa.

Curare foi um cacique que teve morte instantânea.

Zarteu



NÃO TEM REGISTRO (I)

O deputado Célio Borja, presidente da Câmara dos Deputados, declarou à "Folha de São Paulo" que "o governo não cogita, de maneira alguma, em aplicar o chamado tratamento de choque no combate à inflação, nem agora e muito menos depois das eleições".

O pessoal da Vila Nambi ficou na mesma (E.M.)



NÃO TEM REGISTRO (II)

Técnicos do Ministério de Minas e Energia, falando sobre o problema da gasolina, afirmaram que a ordem é "racionalizar, e não racionalizar".

O pessoal da Vila Maringá ficou na mesma, (E.M.)

"MORITURI TE SALUTANT!"

Declaração do secretário da Saúde do Estado, Walter Leser:

— No Estado de São Paulo, o índice de mortalidade infantil é um dos maiores do mundo. De 100 crianças, cerca de 9 morrem de subnutrição, carência de calorias.

Então, isso quer dizer que para diminuir o índice de mortalidade é preciso dar alimento para essa gente, a começar da gestante. Grande descoberta. Agora só falta ele vir a Jundiaí e convencer o prefeito que as crianças vão deixar de morrer quando tiverem as barriguinhas cheinhas de comida. É que a única contribuição de avenidas asfaltadas, para o caso, é dar chance dos motoristas correrem mais e atropelar pessoas. Então, o que pode ocorrer é as avenidas aumentarem esse tal índice e não diminuí-lo. (C.K.I.)

TEM REGISTRO, SIM (I)

O INPS, segundo os jornais, está executando todas as empresas que estão em atraso com o recolhimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, FGTS.

O pessoal da Vila Maringá aplaudiu em pé. (E.M.)



ARREDA, CAPETA!

De dois eleitores conversando sobre sua preferência:

— Depois de assistir à propaganda eleitoral pela televisão, você vai votar em quem?

— Olha, eu não sei ainda, os candidatos já falaram bastante, mas não deu pra ver quem pode ficar melhor no cargo, se o Jimmy Carter ou o Gerald Ford. (C.K.I.)

TEM REGISTRO, SIM (II)

A Comissão de Economia da Câmara deu, dia 20/10, parecer favorável a um projeto que torna obrigatório o reajuste semestral do salário mínimo.

O pessoal da Vila Nambi aplaudiu em pé. (E.M.)

DECLARAÇÃO À PRAÇA

Quem desistir de fazer assinatura do Jornal de 2a. ou de anunciar por causa dos boatos que circulam de que este jornaleco vai acabar em novembro, receberá a mais terrível carga de desgraças. Os olhos se fecharão a todas as trampolinagens, a boca umedecerá diante de falcatruas prejudiciais à coletividade e os ouvidos ficarão surdos diante de todos os legítimos protestos populares. E além disso, tomara que dê uma diarreia de três dias. (C.K.I.)

A QUEDA DA LIBRA ESTERLINA

Lord Snowdon, fotógrafo inglês, está expondo em Paris.

Uma de suas fotos, publicada nos jornais daqui do Brasil, mostra uma criança pobre dormindo sobre farrapos. O título da foto é: "Eles também são nossos filhos".

Lord Snowdon, se você não se lembra, foi marido da princesa Margareth (E.M.)

POR QUE NÃO SOU CANDIDATO

Ainda não descobri o que é ser jovem e dinâmico. (Chico)

POR QUE NÃO SOU CANDIDATO (II)

Precisa ser inteligente. (Chico)

POR QUE NÃO SOU CANDIDATO (III)

Não sou perseverante e humilde batalhador das causas do povo. (Chico)

POR QUE NÃO SOU CANDIDATO (IV)

Nunca me ensinaram o que é ser idôneo. (Chico)

POR QUE NÃO SOU CANDIDATO (V)

Não sou engenheiro, advogado ou ex-funcionário de qualquer coisa. (Chico)

POR QUE NÃO SOU CANDIDATO (VI)

Não servi a Pátria no exterior e nem quero que as coisas continuem. (Chico)

É UMA BOA

O Grêmio [vai realizar, dia 30, às 10 e meia da noite, o Baile dos Veteranos.

Tá um programa legal pra você, bicho, digo, jovem. Os coroa, digo, veteranos, têm umas danças que valem a pena serem vistas e aprendidas.

Podes crer: Baile dos Veteranos é a maior curtição. (E.M.)

"NO CREO EN BRUJOS..."

Um conhecido médico inglês serviu, durante alguns anos, nas colônias africanas, junto às tribos nativas. De volta a Londres, ele estava em seu "club" quando um general reformado quis saber o que ele tinha conseguido descobrir a respeito das práticas e da arte dos curandeiros e dos feiticeiros das tribos africanas.

"Tudo aquilo é bobagem, simples encenação, sem qualquer fundamento científico", explicou o médico.

"Ah! Você pensa assim?" exclamou o velho general e, tirando do bolso um pequeno homenzinho com não mais de 10cm de altura, colocou-o sobre a mesa e ordenou: "Sargento O'Higgins! Conta aqui para o nosso amigo doutor o que aconteceu aquela vez na África, quando você insultou o feiticeiro da tribo, chamando-o de farsante e imbecil!" (F.A.O.)

CLÍNICA VETERINÁRIA JUNDIAÍ



Rua Dr. Pedro Soares de Camargo, 351
(trav. da Av. Jundiaí - prox. ao Ginásio de Esportes)
Aberto diariamente das 8:30 às 11:30 horas e das 13:30 às 18:00 horas.
Aos sábados das 8:30 às 12:00 horas.

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

disque: 434-2759

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
ROSARIO 523 - FONE 6 3795

FOTO LUIZ
Agora em novas
instalações.
Rua São José, 22

NOVIDADES
Charme
CALÇADO
ROSARIO 626

Advocacia

dr. Ademércio
Lourenção

dr. Alcimar A. de
Almeida

dr. Francisco V.
Rossi

R: SIQUEIRA DE MORAIS
N: 578 TANDAR
EDIFICIO MARIU

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666

9%

ISTÓRICO DA FOI DESPREZADO

A Igreja do Sagrado Coração de Jesus estaria completando 69 anos no dia 15 de novembro de 1976, se não tivesse sido demolida há pouco mais de dois anos.



Um monumento histórico foi demolido...



... para isto?

Se a velha Igreja do Sagrado Coração de Jesus não tivesse sido demolida há pouco mais de dois anos, ela completaria 69 anos de fundação no próximo dia 15 de novembro. Quando se falou de sua demolição, os motivos alegados, entre outros, eram de que a igreja estava "caindo aos pedaços" ou "se tornara antro de maconheiros". Ninguém se lembrou de prestar uma homenagem sincera aos imigrantes italianos, restaurando a igreja e conservando-a como monumento.

— Quando falaram em derrubar a igreja, eu estava muito doente, não tinha condições de trabalhar para evitar a demolição — conta um velho senhor que, como a maioria dos moradores da Colônia, prefere não dizer o nome — Para mim, a igreja representava muito, era um monumento aos imigrantes italianos.

— Meus pais e meus avôs ajudaram a construir a igreja — conta outro morador, nascido no dia 14 de julho de 1899.

A pedra fundamental da igreja foi lançada no dia 15 de novembro de 1887, segundo conta o jornal A Gazeta, numa página em homenagem ao cinquentenário da igreja, comemorado em 1947:

"Foi a 20 de junho, mais ou me-

nos, do ano de 1866, que, na Sociedade Humberto Primo, o secretário da entidade propunha a celebração da missa no interior da sede. A idéia foi vivamente aplaudida, dado o espírito católico de todos os seus componentes. A missa foi celebrada e, em consequência, surgiu a idéia de construção de uma capela ali perto. Houve uma reunião dos mais velhos moradores do local e a seguir entendimento com o governo de então, para iniciar o ponto em que poderia ser erguida a Capela em louvor ao Sagrado Coração de Jesus. E, a 15 de novembro de 1887, era lançada a pedra fundamental do novo templo católico, com as bênçãos do então monsenhor Egídio de Moraes. Contribuíram para a construção da Capela numerosas famílias, umas com materiais, outras com o seu trabalho e outras ainda com dinheiro, tendo sido parainfos o coronel Francisco de Queiroz Telles e o dr. Francisco de Albuquerque Cavalcanti".

Hoje, não há nada no lugar da igreja, só um terreno onde, segundo se informava na época da demolição, seria construída uma praça. Não, ninguém se lembrou de homenagear os imigrantes, naqueles dias em que o sacrifício dos primeiros moradores da Colônia foi completamente desprezado.

Os primeiros imigrantes

Ao contar a história do bairro da Colônia, o jornal diz que "essa riqueza, que é a uva fez surgir no Brasil, em Jundiá, a primeira companhia de transportes aéreos de carga — a Cia. Itaú de Transportes Aéreos, que iniciará suas atividades com três "Douglas", que virão dentro de poucos dias, trazidos pelo comerciante Mário Rappa, que se encontra nos Estados Unidos com pilotos e co-pilotos".

"João Cecato relata-nos que, a 21 de dezembro de 1887, chegou da Itália, estabelecendo-se no bairro onde surgiria a primeira riqueza de Jundiá — a uva. E ali já se encontravam as três primeiras famílias — José Rossi, Antônio Bitto, Antônio e João D'Agostini.

"A Colônia era, naquele tempo, administrada por João Cavalheiro, que residia num prédio da rua Vigário J.J. Rodrigues, esquina da praça Dr. Domingos Anastácio. Cada contratado que vinha com sua família podia receber sua gleba de terra para cultivá-la. Deveria, porém, trabalhar quinze dias por mês para o governo, sendo que os outros

quinze dias eram seus, para cultivo da terra. Aqueles quinze dias eram religiosamente pagos, numa base entre mil e quinhentos a dois mil réis, soma suficiente, na época. Nos quinze dias a soldo, os moradores da Colônia construíam estradas, entre elas algumas do importante bairro, inclusive a que rumava para o hoje bairro do Caxambu.

A FIGUEIRA

"A chegada dos italianos verificava-se de cada cinco a quinze dias, e vinham diversas famílias juntas; viajavam

de carro de boi da cidade até o local da concentração que era quase junto à Sociedade Humberto Primo, na mesma rua em que foi edificada a Igreja Sagrado Coração de Jesus, à sombra de uma figueira.

"Aliás, a figueira era uma espécie de hotel e cozinha. Ali dormiram muitas noites seguidas as famílias emigradas da Itália. Dos seus galhos pendiam os caldeirões, contendo a comida que era distribuída aos que ali se encontravam em busca de novo lar, em busca da fartura. A célebre figueira, então chamada figueira-hotel e figueira-cozinha, foi há poucos anos derrubada por um temporal, dela nada mais restando.

Das famílias que cultivaram as terras da Colônia, erguendo casas, podemos citar: Pradela, Chiaramonte, De Marchi Vicari, Spiandorin, Tarantela, Nascimbeni, Bagni, além das três primeiras que ali chegaram: José Rossi, Antônio Bitto, Antônio e João D'Agostinho. Outras não foram lembradas pelos nossos informantes — conclui o jornal.

Cnde começou a cultura da uva

"A terra era um matalgal, com ligeiros caminhos em zigue-zague sem fim, dominados por cobras. Os imigrantes chegavam e, com madeira de arvoredos e bambus, erguiam suas casas, que eram "rebocadas com terra suficientemente umedecida em forma de barro". Casas de pau a pique, enfim, as que os próprios imigrantes começaram a erguer na Colônia. Depois, chegaram outros imigrantes que, amassando coros pés barro dos pontos baixos, faziam tijolos e os coziam à maneira rudimentar, para obtenção de bom material para construção de casas melhores".

Esse é um trecho da reportagem publicada pelo jornal A Gazeta, de 13 de novembro de 1947, em homenagem ao cinquentenário da igreja, que seria comemorado dois dias depois. Nessa reportagem — uma das lembranças que vários filhos de imigrantes guardam com carinho — está contada a história do bairro da Colônia, onde, segundo, o jornal, começou a cultura da uva em Jundiá:

"Foi na Colônia que teve início a cultura da uva em Jundiá. Foi o pioneiro da vindima. Foi dali que saiu o melhor vinho de Jundiá. Foi dali que saíram as famosas macarronadas, decantadas por Menotti Del Picchia e outros. O carvão vegetal procedeu do importante bairro. Tijolos surgiram dali em profusão durante alguns anos. A terra era nova e produzia tudo.

"A impressão do repórter foi de que as primeiras videiras teriam procedido da Itália para a Colônia. Mas tal não se verificou. A chamada uva Isabel, por exemplo, foi ter à Colônia procedente de São Caetano, pois algumas famílias localizadas inicialmente em São Caetano logo transferiram residência para o próspero bairro, levando consigo numerosos galhos da uva Isabel. A família De Paula, que residia na cidade, cultivava nesse tempo uma belíssima videira. Dali também saíram numerosos galhos que foram plantados nas produtivas terras da Colônia.